



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

WILLIAN EVANGELISTA DE SOUSA

CONSUMO ABUSIVO DE ÁLCOOL E VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2023

Willian Evangelista de Sousa

Consumo abusivo de álcool e vivência universitária

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, para obtenção do título de bacharel em Psicologia

Orientador(a): Professor Doutor Eloy San Carlo Maximo Sampaio

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

S725c Sousa, Willian Evangelista de.
 Consumo abusivo de Álcool e vivência universitária. / Willian Evangelista
 de Sousa. – Miracema, TO, 2023.
 52 f.

 Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Miracema - Curso de Psicologia, 2023.
 Orientador: Eloy San Carlo Maximo Sampaio

 1. Álcool. 2. Toxicomania. 3. Psicanálise. 4. Universitários. I. Título

CDD 150

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

WILLIAN EVANGELISTA DE SOUSA

CONSUMO ABUSIVO DE ÁLCOOL E VIVÊNCIA UNIVERSITÁRIA

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso à Universidade Federal do Tocantins (UFT) – Campus Universitário de Miracema, Curso de Graduação em Psicologia foi avaliada para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia e aprovado em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 20/12/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Eloy San Carlo Maximo Sampaio, Orientador, UFT.

Prof. Dr. José Fernando Patiño Torres, Examinador, UNB.

Prof. Dr. Jean Carlo Ribeiro, Examinador, UFT.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, apesar de não me considerar uma pessoa particularmente religiosa, tenho que reconhecer a minha experiência com pequenos milagres vivenciados ao longo da minha vida, ao longo dessa graduação, e em especial neste ano de 2023, que não foi um ano fácil em muitos sentidos, mas esses pequenos milagres o tornaram mais tolerável. Então eu agradeço a Deus por ter cuidado e ter tido misericórdia de mim em muitos momentos.

Agradeço a nossa querida UFT pelas oportunidades oferecidas, e ao corpo docente do nosso querido curso de psicologia, pelo aprendizado, gentileza, dedicação, e respeito que forneceram a nós, alunos, ao longo desses anos e espero honrar tudo aquilo que vocês me ensinaram.

Agradeço ao meu orientador, professor Eloy, pela oportunidade que me deu aceitando o convite de orientar esse trabalho, que cabe dizer, foi um convite feito fora de época em decorrência de algumas complicações, e ele não precisava ter aceitado já que já estava lidando com um número até grande de outros orientandos e poderia acabar ficando sobrecarregado, mas que bom que ele aceitou. Eu agradeço pelos ensinamentos, pela paciência, pelas cobranças e fico muito feliz de ter tido a oportunidade de trabalhar com esse tão estimado professor antes que ele deixasse o corpo docente da UFT. Aproveito para agradecer também aos apontamentos da banca examinadora, composta pelos professores Jean e Patino, que auxiliaram muito no processo de finalização desse projeto.

Agradeço a minha mãe Rita Rocha e meu pai Wilton Pereira, por terem acreditado e me incentivado ao longo dessa empreitada, por possibilitarem que eu tenha levado uma vida razoavelmente confortável ao longo dessa graduação, pelo amor, carinho e por terem acreditado que eu era capaz de chegar até aqui. Agradeço a meus pais e a toda minha família por terem me ajudado ao longo de todos esses anos.

Agradeço aos colegas e amigos de graduação, e aos colegas e amigos de fora da graduação, os momentos de leveza, desabafos e descontração proporcionado por essas pessoas ao longo desses anos foram muito importantes, e a cada capítulo que eu escrevia desse TCC eu tinha mais convicção disso. E por fim agradeço a qualquer um que direta ou indiretamente tenha me ajudado ao longo desses anos, muito obrigado a todos!

RESUMO

O presente trabalho consiste no desenvolvimento de uma discussão acerca do fenômeno do consumo abusivo de álcool entre a população universitária, de modo a trazer um olhar a questões pertinentes a fatores de ordem social, cultural e econômicas, ao mesmo tempo que traz um olhar psicanalítico sobre ele, tentando responder como o fenômeno do consumo abusivo poderia ser entendido a partir dessa perspectiva teórica. Ele foi desenvolvido seguindo o método de pesquisa bibliográfica, onde foram consultadas fontes em livros e em diferentes bases de dados, e em seu primeiro capítulo apresenta alguns dos aspectos gerais acerca dos fatores relacionados ao consumo de álcool no Brasil e em universidades brasileiras, verificando dados que dizem respeito ao mapeamento da população consumidora, além de apresentar uma breve discussão à respeito dos modos de funcionamento da instituição universitária e trabalha brevemente questões relacionadas ao sofrimento dos discentes. O capítulo dois por sua vez visa colocar em evidência as contribuições da psicanálise que podem nos ajudar a entender o fenômeno do consumo abusivo de álcool, apresentando conceitos e postulações como o papel das pulsões e da compulsão à repetição dentro dessa relação abusiva com a bebida. Por fim, o terceiro capítulo visa trazer aspectos referentes a modos de subjetivação da comunidade universitária, propiciando um entendimento sobre como essa comunidade lida com eventuais desafios dentro do ensino superior e como isso se associa na manutenção de um hábito de consumo abusivo de álcool. Os resultados demonstram que o álcool desempenha um papel muito importante em processos de socialização universitária, sendo assim um objeto de interesse dos estudantes quando, em festas ou reuniões, sentem a necessidade de estarem mais desinibidos, e a socialização por sua vez foi entendida como um importante elemento para satisfação e permanência desses estudantes dentro do ensino superior. Todavia, é nessa relação de ganhos sociais com a bebida que um consumo excessivo pode acabar surgindo como um ônus e tendo como consequências comportamentos de risco, dependência social do álcool, além de outros efeitos negativos na saúde.

Palavras-chave: Álcool. Toxicomania. Psicanálise. Universitários.

ABSTRACT

The present work consists of developing a discussion about the preferences of alcohol abuse among the university population, in order to bring a look at issues pertinent to social, cultural and economic factors, at the same time as bringing a psychoanalytic look at it, trying to answer how the characteristics of abusive consumption could be understood from this theoretical perspective. It was developed following the bibliographical research method, where sources in books and different databases were consulted, and in its first chapter it presents some of the general aspects about the factors related to alcohol consumption in Brazil and in Brazilian universities, verifying data which concern the mapping of the consumer population, in addition to presenting a brief discussion about the ways in which the university institution operates and specifically working on issues related to the suffering of students. Chapter two, in turn, aims to highlight the contributions of psychoanalysis that can help us understand the characteristics of alcohol abuse, presenting concepts and postulations such as the role of drives and generation compulsion within this abusive relationship with drinking. Finally, the third chapter aims to bring aspects relating to the university community's modes of subjectivation, providing an understanding of how this community deals with occasional challenges within higher education and how this is associated with maintaining a habit of abusive alcohol consumption. The results demonstrate that alcohol plays a very important role in university socialization processes, thus being an object of interest for students when, at parties or meetings, they express the need to be more uninhibited, and socialization in turn was understood as an important element for the satisfaction and retention of these students within higher education. However, it is in this relationship of social gains with drinking that excessive consumption can end up emerging as a burden and having as consequences risky behaviors, social dependence on alcohol, in addition to other negative effects on health.

Keywords: Alcohol. Drug addiction. Psychoanalysis. University students.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
1.1	Problema de pesquisa	8
1.1.1	Justificativa	8
1.1.2	Objetivo Geral.....	11
1.1.3	Objetivos Específicos	11
1.2	Metodologia	12
1.2.1	Tipo de pesquisa	12
1.2.2	Fontes da Pesquisa	13
1.2.3	Procedimentos metodológicos	13
2	ASPECTOS GERAIS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL E DA VIDA UNIVERSITÁRIA	15
2.1	Sobre o álcool e seu consumo	15
2.2	Consumo de álcool no contexto universitário	18
2.3	Alguns aspectos da instituição universitária	19
3	O OLHAR DA PSICANÁLISE: CONCEITOS QUE DIALOGAM E TRATAM DO CONSUMO ABUSIVO	23
3.1	Quanto ao consumo de álcool e a Toxicomania	23
3.2	A Compulsão à repetição e o princípio do prazer	26
3.3	O beber compulsivo	33
4	DESAFIOS DA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA E O PAPEL DA BEBIDA ..	36
4.1	Como os estudantes estão ocupando a universidade? Aprendendo a Aprender e fracasso acadêmico	36
4.2	A satisfação, motivação e a socialização do universitário: fatores relacionados a permanência em um curso de graduação alinhar	38
4.3	Uma sociabilidade ligada à bebida	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
	REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho consiste numa pesquisa bibliográfica que visa tratar da temática do consumo abusivo de álcool, mais especificamente, esse consumo sendo observado dentro do recorte populacional da comunidade universitária. A discussão sobre essa temática por sua vez será guiada pelo suporte teórico da abordagem psicanalítica, e para isso se faz necessário um retorno e investigação a postulações e conceitos desenvolvidos ao longo do cânone dessa linha teórica, ao mesmo tempo que se consulta o que está sendo produzido por pesquisadores da contemporaneidade a respeito dessas postulações, conceitos e temáticas.

Ao longo do curso de psicologia a questão do uso abusivo de substâncias aparece em algumas das matérias, principalmente quando a discussão gira em torno dos cuidados com usuários de serviços como CAPS ad, ou sendo pensada como um objeto de estudo de práticas de redução de danos. Devido a essa recorrência da temática na graduação, surge um interesse de se trabalhar melhor o tema.

Para desenvolver uma possível resposta a essa e outras questões, o trabalho foi dividido em 3 capítulos, que tratam das dimensões conceituais e temáticas que foram entendidas como relevantes ao longo da pesquisa nessa tentativa de elucidar tudo aquilo que diz respeito ao consumo abusivo de álcool entre universitários.

O primeiro capítulo foi pensado como uma forma de ilustrar, através de dados e informações relevantes, a dimensão do consumo de álcool no Brasil e entre a população universitária, de modo a ajudar a justificar a razão da realização deste trabalho. Trazendo informações sobre o elevado consumo da substância, seus riscos e problemáticas que costumam ser ignoradas pela população geral, a maneira como a mídia e o estado tratam desse consumo, de modo a trazer um breve panorama das dimensões culturais, sociais e econômicas por detrás desse fenômeno.

Assim se espera que fiquem esclarecidas também questões secundárias que podem acabar aparecendo ao longo do desenvolvimento do trabalho mas que não necessariamente são o objeto primário deste, mas como já foi dito, são úteis para trazer aos holofotes algumas dimensões do fenômeno do consumo abusivo. Além disso, esse primeiro capítulo também aborda questões pertinentes à vivência universitária, como os modos de funcionamento e práticas da instituição universitária, valores e a relação dos discentes com ela, principalmente a fatores relacionados ao sofrimento universitário.

O capítulo dois visa trazer o entendimento da psicanálise acerca do que poderia ser entendido como um consumo abusivo em si, através de uma breve discussão a respeito da clínica da toxicomania e trazendo também conceitos como princípio do prazer e compulsão à repetição, que foram interpretados como muito úteis para entender os modos de funcionamento do aparelho psíquico de um sujeito que se encontra na situação de consumir abusivamente bebidas alcoólicas. Em síntese, esse capítulo visa apresentar as categorias psicanalíticas que podem nos auxiliar a entender o fenômeno.

Por fim, o capítulo 3 visa trazer um panorama de questões que dizem respeito a subjetividade da população universitária trazendo informações novas mas ainda reforçando o que foi visto nos dois capítulos anteriores, buscando responder como as vivências, percepções, e modos de subjetivação dessa população vão se associar ao hábito de consumir bebidas alcóolicas, olhando para os desafios e experiências, principalmente no que diz respeito a aspectos ligados à socialização do universitário e sua relação com a permanência desse universitário em um curso de graduação. A bebida aqui é observada enquanto um agente de socialização e ferramenta para ajudar a lidar com eventuais questões relacionadas à ansiedade ou autoestima dos universitários.

1.1 Problema de pesquisa

Se pretende investigar e responder: Como a psicanálise pode nos ajudar a entender o fenômeno do consumo abusivo de álcool entre estudantes universitários?

1.1.1 Justificativa

O álcool é, sabidamente, uma droga cujo consumo é uma prática culturalmente normalizada dentro do território brasileiro. Para além da questão de seu status enquanto uma droga lícita, ou seja, que passou pelo crivo do estado e desfruta de uma posição de substância legalizada, seu alto consumo também gira em torno de aspectos de ordem mercadológica, social, e subjetivos. Falando nesses aspectos é interessante destacar como esse psicoativo é atribuído de um valor simbólico enquanto remédio/veneno para questões da alma. O tímido se torna falante, o amargurado esquece momentaneamente dos seus problemas, o covarde se torna valente, as festas se tornam mais animadas, e tudo que se tem a fazer é beber dessa poção.

Essa aura mágica do álcool se deve muito graças a relação entre a regulação do mercado e marketing desse produto, se pensarmos nas propagandas de cerveja por exemplo, diferentemente da indústria do tabaco as empresas de bebidas alcoólicas não são obrigadas a exibir as consequências do consumo elevado da bebida. Isso por sua vez parece reduzir a sensibilidade da população com relação aos problemas derivados desse consumo, como a dependência química, problemas de ordem somática como gastrite, cirrose, câncer, além de acidentes e fatalidades ocasionados pelo estado de embriaguez.

De certo modo, pode-se dizer que o álcool é uma droga que possui alta acessibilidade, no sentido de que, geralmente é algo fácil de se encontrar, sendo vendido em diferentes estabelecimentos comerciais, e os seus preços podem variar dependendo da bebida. Se imaginarmos uma pessoa que está em situação de vício e que dispõe de baixo poder aquisitivo, não vai ser difícil para ela conseguir acesso a bebida, já que alguns bares vendem doses por preços muito baratos.

Assim, o usuário de álcool não tem que se sujeitar a visitar locais inóspitos, como as famigeradas “bocas de fumo” para conseguir sua droga, e quando for comprar vai encontrar um mercado com diferentes opções e preços, e muito facilmente vai achar opções que se enquadrem no seu bolso. Isso por sua vez leva a questionamentos a respeito do impacto do consumo de álcool em populações vulneráveis economicamente, já que se por um lado, conseguir consumir álcool provavelmente não vai ser uma dificuldade, lidar com as eventuais consequências desse consumo, como o vício ou problemas de natureza somática, não vai ser tão acessível assim, já que nem sempre vão ter vagas disponíveis nos serviços públicos que tratam desses problemas, e o tratamento privado pode não ser uma opção financeiramente viável para essas pessoas.

Logo, discutir sobre consumo abusivo de álcool é falar sobre saúde e segurança pública, já que essas áreas de interesse vão ser impactadas pelos efeitos desse consumo, seja no tratamento de doenças decorrentes do uso de álcool, no acolhimento terapêutico de um viciado em um Caps AD ou nas transgressões provocadas pelo estado de embriaguez, como acidentes de trânsito e brigas, mas também é sobre justiça social, uma vez que, ao mesmo tempo que determinadas populações vão ter facilidade no acesso a bebidas, podem não encontrar a mesma acessibilidade quando tiverem que lidar com as consequências desse consumo. Então entender as problemáticas dessa questão pode nos levar a discutir a situação das políticas públicas de equidade dentro da sociedade brasileira.

E o meio universitário por sua vez é um ambiente que detém suas próprias singularidades em sua relação com a bebida, seja a partir de um olhar a respeito de possíveis motivadores para o consumo ou de suas eventuais consequências. Pensar nessas questões possibilita uma investigação capaz de determinar fatores de risco, meios de redução de danos e outras formas de intervenção que atendam essa multifacetada comunidade universitária e imaginar formas de se criar uma vivência mais saudável para essa população.

A psicanálise por sua vez possui uma extensa lista de autores e obras que discutem a temática do consumo de drogas e a relação do usuário com essas drogas, tais como Jésus Santiago e Sandor Ferenczi, traçando caminhos que nos ajudam a pensar em maneiras de classificar e identificar um eventual consumo abusivo. Assim, uma vez que a psicanálise apresenta um vasto material relacionado ao tema do consumo abusivo de drogas, a pergunta norteadora para o desenvolvimento deste trabalho parte de uma tentativa de compreender como a psicanálise poderia nos auxiliar a entender o fenômeno do consumo abusivo de álcool entre estudantes universitários.

Falando agora de uma perspectiva mais pessoal, o consumo de álcool é um fenômeno que, de certo modo, sempre esteve presente na minha vida. Desde a mais tenra idade me lembro de presenciar o consumo de bebidas alcoólicas e suas repercussões entre meus familiares e amigos, e conforme eu envelhecia essa percepção da participação do álcool em práticas de socialização e as consequências de uma bebedeira desmedida foi se apurando. Meu pai é dono de bar e um grande apreciador das bebidas alcoólicas, e praticamente todos as figuras masculinas da minha família consomem ou já consumiram bebidas alcoólicas e já lidaram ou ainda lidam com as repercussões de um consumo excessivo, e eu não sou uma exceção dentro desse meio. Em outras palavras, a temática do consumo de álcool é algo que já está intimamente ligado a minha vida, por isso, uma das minhas razões de pesquisar algo dentro desse tema.

E o interesse em fazer um recorte da pesquisa sobre consumo de álcool a partir da perspectiva universitária diz respeito às minhas próprias vivências enquanto universitário. A universidade foi algo que promoveu grandes mudanças na minha vida, visto que, enquanto um jovem interiorano, possibilitou que eu tivesse acesso a uma diversidade de pessoas, vivências e opiniões.

No entanto, mesmo dentro desse ambiente tão diferente dos que eu já estava habituado, ou seja, tão diferente da minha vivência observando o dia-a-dia de trabalho em um bar e a própria vivência de morar em uma cidade pequena, que em geral não oferece muitas opções de

entretenimento além de reunir os amigos pra tomar uma cervejinha, a presença do álcool ainda estava lá. No fim das contas, sair pra beber em festas também era a prática mais recorrente, daí surgiu meu interesse em estudar mais a fundo esse fenômeno para entender melhor a relação entre um consumo de álcool, que ocasionalmente pode vir a se tornar algo abusivo e prejudicial, e as vivências de uma universidade.

1.1.2 Objetivo Geral

Neste trabalho, o objetivo é tentar compreender o fenômeno do consumo abusivo de álcool dentro da vida universitária, trazendo a visão da perspectiva psicanalítica para ajudar a compreender alguns fatores relacionados às demandas de uma instituição de ensino superior e o hábito de um consumo problemático de bebidas alcoólicas.

1.1.3 Objetivos Específicos

- 1 Trazer informações referentes ao consumo de álcool no Brasil, de modo que possibilite uma compreensão de fatores de ordem social, cultural, políticos e econômicos que estão envolvidos na relação do brasileiro com as bebidas alcoólicas;
- 2 Identificar o que poderia ser entendido como um consumo abusivo de álcool, elucidando fatores que podem ser entendidos como fontes de sofrimento ao usuário dentro dessa relação conturbada com a bebida, a partir de uma visão psicanalítica;
- 3 Analisar os fatores psicológicos, sociais e emocionais que podem estar envolvidos no consumo excessivo de álcool entre estudantes universitários brasileiros, principalmente no que diz respeito ao sofrimento do universitário ou o papel da bebida como uma ferramenta de socialização.

1. 2 Metodologia

1.2.1 Tipo de pesquisa

Neste trabalho foi empregada a pesquisa bibliográfica, que é uma abordagem de pesquisa que se baseia na análise de fontes bibliográficas, como livros, artigos científicos, teses,

dissertações, relatórios técnicos, entre outros materiais escritos. Essa modalidade de pesquisa tem como objetivo principal realizar um levantamento e uma análise crítica do conhecimento disponível sobre determinado tema.

De acordo com a pesquisa de Soares, Piccoli e Casagrande(2018) muitos autores que trataram a respeito da escrita de trabalhos científicos estão de acordo em afirmar que a pesquisa bibliográfica se trata de uma etapa preliminar de praticamente qualquer tipo de pesquisa acadêmica, uma vez que ela ajuda a fornecer a fundamentação teórica e a identificar o estágio mais atual do conhecimento de determinado tema(o famoso estado da arte), com alguns autores alertando que a pesquisa bibliográfica tem como vantagem o fato do pesquisador ter acesso a uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aqueles que ele poderia pesquisar diretamente.

A pesquisa bibliográfica tem um caráter tanto exploratório quanto descritivo. Exploratório no sentido de que está relacionada à busca de informações, levantamento de conceitos e identificação de lacunas no conhecimento existente e familiarização com o tema da pesquisa, sendo uma etapa inicial que permitiu uma compreensão mais aprofundada do assunto e ajudou a embasar o desenvolvimento do trabalho. Enquanto que o aspecto descritivo da pesquisa bibliográfica está relacionado à análise crítica e à síntese das informações coletadas, o que envolveu a descrição e organização dos principais conceitos, teorias e achados encontrados nas fontes bibliográficas, fornecendo uma visão geral e estruturada do conhecimento existente sobre a temática do consumo abusivo de álcool.

Assim, é válido reforçar que a pesquisa bibliográfica não se limita apenas à busca de informações na internet. Ela exige uma busca sistemática em fontes confiáveis e especializadas, a seleção criteriosa das obras a serem consultadas e a análise cuidadosa do material encontrado. Como escrevem Cervo, Bervian e Silva(2007), por meio da pesquisa bibliográfica é possível reunir em um único trabalho informações e dados que até então se encontravam dispersos no mundo científico. Todavia, em tempos de facilidade no acesso à informação, é preciso assegurar a veracidade e exatidão do material encontrado, já que vão sempre existir estudos não confiáveis e com metodologias de pesquisa duvidosas, que se não forem identificados e descartados, vão acabar estragando a produção do trabalho.

1.2.2 Fontes da Pesquisa

Foi realizada uma pesquisa bibliográfica em diferentes bases de dados, incluindo Scielo, Pepsic, BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e Google Acadêmico. Essas bases foram utilizadas em decorrência da abrangência de material disponível e pela relevância e confiabilidade que esses materiais dispõem ao serem agrupados nessas bases de dados, que foram utilizadas ao longo de praticamente toda a graduação. Como escreve Vieira (2012), o advento da internet acabou facilitando o acesso a diferentes fontes de pesquisa, principalmente graças a essas bases de dados, o que por sua vez facilitou o processo de realizar uma pesquisa, uma vez que os pesquisadores não precisam mais se limitar ao espaço físico de uma biblioteca para fazer um levantamento de informações.

Para além do material catalogado e encontrado online nessas bases (teses, dissertações, artigos) a pesquisa também se beneficiou do conteúdo de livros e textos que, ora eram mencionados durante a leitura do material disponível virtualmente, e em decorrência disso, eram entendidos como pertinentes para serem lidos na íntegra, ou que apareceriam como sugestões durante as conversas de orientação ou discussões em outras matérias da graduação, principalmente porque alguns deles têm uma grande importância no que diz respeito ao cânone da psicanálise.

1.2.3 Procedimentos metodológicos

Os termos de busca utilizados durante a pesquisa nas bases de dados foram: “consumo abusivo de álcool”, “alcooolismo”, “álcool”, “universitários”, “sofrimento”, “psicanálise”, “toxicomania” e outros que estariam relacionados ou seriam sinônimos (como “acadêmicos” no lugar de universitários, ou “dependência química”).

Esses termos foram pesquisados através da ferramenta de busca avançada disponível nas bases de dados, o que permite múltiplas combinações entre eles, de modo a auxiliar a encontrar resultados que se aproximavam mais daquilo que era almejado pelo trabalho. Por exemplo, “consumo abusivo” ou “álcool” em um campo e “universitários” em outro.

Foram considerados estudos publicados em periódicos científicos, teses, dissertações, livros e outros materiais acadêmicos. Para identificar a pertinência do material ao tema da pesquisa, os títulos e resumos dos artigos encontrados foram analisados, e o material

selecionado como relevante foi lido na íntegra para uma análise mais aprofundada de seus conteúdos e contribuições para o estudo.

Os critérios de inclusão para a seleção do material utilizado no trabalho foram: relevância para o tema do estudo, rigor científico e disponibilidade dos textos completos. Os materiais selecionados foram separados ao longo do desenvolvimento do texto em categorias temáticas, que por sua vez serviram de base para a estruturação dos capítulos do trabalho. É importante esclarecer que a múltipla combinação e o número elevado de termos utilizados para compor essa pesquisa dificultaram o trabalho de quantificar, trazer números exatos a respeito da quantidade de trabalhos pesquisados, lidos, e eventualmente descartados, que dizem respeito ao objeto primário desta pesquisa, a relação entre consumo abusivo de álcool e universitários.

2 ASPECTOS GERAIS SOBRE O CONSUMO DE ÁLCOOL E DA VIDA UNIVERSITÁRIA

2.1 Sobre o álcool e seu consumo

De acordo com Rocha(2014) o álcool pode ser definido como uma droga psicotrópica que atua no sistema nervoso central e provoca mudanças no comportamento do indivíduo que o consome, podendo eventualmente se transformar numa prática que gera dependência química, onde o indivíduo vai apresentar dificuldades em controlar o consumo da substância, síndrome de abstinência e a necessidade do uso para aliviar sintomas. Custódio(2009) referenciando o trabalho de Pink & Bessa(2006) vai relacionar o potencial de abuso dentro do consumo de álcool e outras drogas, a uma ação direta ou indireta dessas substâncias na via dopaminérgica mesolímbica, também conhecida como via da recompensa, gratificação ou do prazer.

Uma vez definido o que é álcool é interessante tentar definir o que poderia ser entendido como um consumo abusivo dessa substância. A partir de informações levantadas pelo Centro de Informações em Saúde e Álcool(CISA, 2021), o consumo abusivo, também conhecido como Beber Pesado Episódico(BPE) ou binge drinking seria definido pela Organização Mundial da Saúde(OMS) e pela Organização Pan- Americana de Saúde(OPAS) como o consumo de 60 gramas ou mais de álcool puro(o que equivaleria a umas 4 doses ou mais) em um curto espaço de tempo. A OMS e a OPAS (2021) enfatizam que um uso nocivo de álcool seria aquele com consequência sociais e de saúde, e dentre essas consequências as organizações destacam a existência de mais de 200 tipos de doenças, além de acidentes prejudiciais à saúde, e o fato de mais de 3 milhões de morte por ano resultarem desse consumo.

Todavia, não é a perspectiva médico-biológica o foco total deste trabalho, ainda que tenha sua pertinência e que a OMS e a OPAS(2021) também destaquem as consequências sociais de um uso abusivo, é interessante esclarecer que a definição de consumo abusivo de álcool, em psicanálise gira mais em torno do caráter de sujeição que cada um indivíduo vai estabelecer com o álcool, e como essa sujeição vai acarretar em um eventual distanciamento com o laço social, no que diz respeito a se pensar em como esse consumo atrapalha a relação de certos sujeitos com seu trabalho, com sua família, ou com a organização de sua vida financeira. Em outras palavras, o consumo vai ser identificado como abusivo através dos prejuízos afetivos e econômicos que vai estar trazendo para o sujeito. (Araújo, 2019)

Rocha(2014) aponta a existência de uma predominância do consumo por parte dos homens em relação às mulheres. Outros estudos e levantamentos corroboram com isso, como o de Wendt et. Al(2019) que vai dizer que apesar de um aumento no número de mulheres que consomem álcool, a população consumidora ainda é composta por um público em sua maioria masculino.

Como expõem Garcia e Freitas(2015) o consumo abusivo de álcool no Brasil é algo negligenciado no que diz respeito ao âmbito das políticas públicas, mesmo nas de saúde. Quando comparado ao tratamento dado ao tabaco, fica evidente que o álcool é uma droga que dispõe de variadas regalias para além de sua licitude. Propagandas na TV se limitam a recomendar beber com moderação, e elas em si exibem um clima de diversão e prazer que nos remetem a um ideal de felicidade, em comparação com as cartelas de cigarro que tem que exibir imagens bem gráficas a respeito dos riscos de seu consumo, as propagandas de bebida fazem soar que o álcool não tem nenhum contra.

Garcia e Freitas(2015) mencionam um favorecimento por parte da legislação brasileira, com relação a indústria de bebidas alcoólicas, em detrimento a saúde pública, e dão como exemplo o fato das cervejas, apesar de seu teor alcoólico, serem enquadradas na categoria de bebidas frias, tal qual bebidas não alcoólicas como refrigerantes. Esse enquadramento seria visto como algo positivo pelas empresas no que diz respeito à tributação, e graças a ele os seus investimentos são favorecidos. O setor foi responsável por 3% do PIB brasileiro em 2014, tal poder econômico justificaria um abrandamento no que diz respeito à regulação e enfrentamento desse mercado, principalmente no trabalho de se pensar políticas públicas que visem reduzir o seu consumo, como aumento de preços e de impostos sobre esses produtos.

De modo similar, o usuário de álcool também goza de certos privilégios quando comparado a usuários de outros tipos de drogas, no que diz respeito à percepção que a sociedade tem deles, e isso muito provavelmente é um reflexo das regalias legais que o álcool dispõem. Araújo(2019) menciona o relato de usuários de um CAPS do Rio de Janeiro que aponta a existência de discriminações entre usuários de diferentes tipos de drogas, onde os usuários de crack, por exemplo, são inferiorizados pelos demais e enxergados como pessoas que estão no fundo do poço, enquanto a bebida alcoólica é vista como um vício menos nocivo, apesar de todas as suas implicações para a saúde do sujeito.

Wendt et.al(2019) após analisarem os dados do Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para doenças crônicas por Inquérito telefônico (VIGITEL) coletados entre 2006 e

2017 nas capitais brasileiras, observaram que enquanto o tabaco apresentou um declínio crescente em seu consumo, provável fruto das políticas públicas que visam sua redução, o consumo abusivo de álcool se mantinha em níveis elevados e com uma forte tendência a se expandir. O alto nível de consumo abusivo se mostrava mais presente entre pessoas com nível de escolaridade mais elevado, o que também acentua um aspecto da desigualdade social em seu consumo, com os autores entendendo que maior escolaridade implica em maior poder aquisitivo, que por sua vez implica em mais poder de compra para se gastar com bebidas alcoólicas.

Wendt et al(2019) entretanto ressaltam que o Vigitel não pergunta informações sobre bens ou renda, então utilizar apenas o nível de escolaridade para tentar determinar questões de ordem socioeconômica pode ser um tanto quanto impreciso. Todavia, uma vez que historicamente esse lugar de maior escolaridade reflete maior conhecimento com relação a hábitos saudáveis, maior acesso a serviços de saúde, e é comumente ocupado por pessoas com elevado acúmulo de capital, é uma implicação até que bem justa, apesar dos pormenores.

Malta et al(2021) corroboram com a visão de que o consumo abusivo de álcool é mais frequente com pessoas com um nível socioeconômico maior, todavia destacam o impacto das crises econômicas nesse consumo, como a que se observa no Brasil até meados de 2021, época em que o artigo foi publicado. Segundo os autores se por um lado uma crise implica em maior redução de poder de compra, o que por sua vez pode significar redução do consumo de álcool, o sofrimento decorrente do stress resultante dessa diminuição do poder de compra, o medo do desemprego ou a própria vivência da situação de desemprego podem atuar como motivadores para se começar a beber mais, como uma válvula de escape dessas angústias ocasionadas pela crise.

Essa noção de crise atuando como um motor de sofrimento que acaba motivando maior consumo de psicoativos, como o álcool, de certa forma nos remete ao que Freud postulou em “Mal estar na civilização”(1930/2006) onde ele apresenta as divergências entre os ideais de civilização e as exigências pulsionais, e como isso acaba acarretando em sofrimento. Obviamente as discussões que Freud pauta no livro vão para além dos medos e frustrações gerados por razões de ordem econômica, mas é interessante o lugar que ele coloca os tóxicos, como o álcool, como um meio de proteção sobre esse sofrimento existente na vivência do homem em decorrência das exigências civilizatórias.

2.2 Consumo de álcool no contexto universitário

A população universitária apresenta padrões específicos no consumo de álcool e outras drogas, o que a tornou alvo de interesse de diferentes estudos que tentam levantar dados e traçar perfis de consumo de risco com relação ao consumo de psicoativos. De Norte a Sul do país, em diferentes universidades, são feitos estudos de delineamento transversal que visam mapear as características dessa população no que diz respeito a seus hábitos de consumo.

Rocha(2014) aponta que, sendo uma população bem diversificada, o fenômeno do consumo de álcool pode estar associado a múltiplas variáveis. Muitas vezes, sendo associado a fatores sociais, mas também relacionado a procura por sensações, a ideia de viver novas experiências, ou ainda um meio para regular estados emocionais negativos que podem ser inerentes a vivência universitária, ou a vivência humana em si.

A vivência dentro de uma universidade muitas vezes é entendida pelos jovens universitários como uma vida a parte, ou de algum modo, como algo separado do “mundo real” desses jovens(ROCHA, 2014), então seria um ambiente propício para o viver de novas experiências que eles evitariam ou não seriam ofertados a eles fora daquele espaço.

Apesar dessa visão que muitos estudantes podem ter da universidade como um “mundinho” separado, que por sua vez pode induzir ao pensamento de que seria o primeiro lugar que esses estudantes teriam contato com psicoativos, Ramis et.al(2012) chamam a atenção para o fato de que, na pesquisa que realizaram na UFPel, mais de 90% dos alunos revelaram terem adquirido hábitos relacionados ao consumo de álcool e tabaco antes de ingressar na universidade, ainda adolescentes.

Também foi discutido na pesquisa de Rocha(2014) a relação que a prática de atividades para além do espaço universitário como, ter um emprego, ter uma religião ou praticar exercícios físicos tem com o consumo de álcool na vida universitária. O primeiro, emprego, pareceu ter uma influência incerta no que diz respeito ao aumento ou diminuição no consumo de bebidas. A religião por outro lado se revelou um fator determinante para um comportamento abstinência entre universitários. A prática de atividades físicas também demonstrou ter uma relação contraditória com o hábito de consumir bebidas alcoólicas, com alguns estudos apontando a prática como um fator de proteção e preservação de hábitos saudáveis, todavia outros estudos não encontraram uma associação mais concreta para fazer disso um fato.

Pires et. al(2020) em uma pesquisa desenvolvida com uma amostra de cerca de 180 estudantes de psicologia com o objetivo de avaliar o uso de álcool, e responder se existe uma associação entre o consumo de álcool com outras Substâncias Psicoativas, evidenciaram que, o álcool foi a substância psicoativa mais utilizada pelos estudantes de psicologia. Todavia seu consumo estava relacionado com o de Tabaco(a segunda substância mais utilizada segundo a amostragem) atuando, segundo os pesquisadores, como uma ferramenta para potencializar o desejo de fumar dos estudantes. Tal fato foi apontado pelos pesquisadores como algo já reconhecido pela literatura, como por exemplo, um estudo de Petroianu et. Al(2010) realizado com alunos da Medicina já havia demonstrado que estudantes que consumiam bebidas alcoólicas estavam mais propensos ao uso do cigarro.

Também é apontado no artigo de Pires et. Al(2020) uma relação entre o consumo de álcool e de outros psicoativos como um instrumento para facilitar a socialização entre universitários em contextos como festas, encontros e reuniões sociais, além de seu uso estar associado a necessidade que uma população mais jovem tem de pertencer a algum grupo, buscando nesses ambientes e no consumo de álcool fatores que os permitam se relacionar com o outro. Todavia os autores ressaltam que não existe um suporte social e comunitário adequados para que esses jovens tenham uma proteção a fatores de risco associados ao consumo de álcool(como acidentes automobilísticos ou sexo sem proteção).

Silva et al(2006) por sua vez evidenciaram uma tendência entre estudantes que fazem consumo regular de álcool e outras drogas lícitas de faltarem proporcionalmente a mais aulas, além de frequentarem menos a biblioteca da instituição pesquisada, do que alunos que não o fazem, indicando assim uma menor dedicação acadêmica. Além disso, a pesquisa também apontou um aumento no uso dessas substâncias quando esses alunos se encontravam mais cansados, estressados ou deprimidos.

2.3 Alguns aspectos da instituição universitária

Santos(2021) retornando a obra de Freud “Mal estar na civilização”(1930/2006) menciona a questão de que para o desenvolvimento e manutenção da civilização, se faz necessária a renúncia pulsional. Quanto mais desenvolvida uma civilização é, mais ela vai exigir essa renúncia, e quanto maior for essa renúncia mais intensos são os efeitos psicológicos no sujeito, o que pode acabar ocasionando mal estar e culpa. Santos(2021) ressalta que esse

sentimento de mal-estar diante da própria civilização pode acabar se refletindo também em suas próprias instituições, como a universidade.

Antes de falar sobre o mal-estar na universidade, Santos(2021) se propõe a contextualizar a universidade, tratando de aspectos correspondentes ao seu funcionamento, história, lógicas, mirando seu olhar para a universidade enquanto uma instituição social, que por deter essa natureza, de certa forma serve como um espelho que reflete o modo de funcionamento da sociedade. Sendo assim a universidade é um ambiente marcado pela existência de uma diversidade de atitudes, opiniões e projetos contraditórios e conflitantes.

Revisitando a historicidade da instituição universitária, Santos(2021) aponta seu surgimento como fruto de um contexto que estimulava a contestação, argumentação e autonomia, além disso “a universidade garante sua legitimidade ao fruir do reconhecimento social, do debate público, como ação social específica, como obra da cultura.”(SANTOS, 2021, p.25). Todavia, Santos(2021) aponta que na idade Moderna emergiu a modalidade tecnicista, centrada no conhecimento científico e que encontrou forte expressão nas universidades modernas, compondo subjetividades e impondo relações de poder e modos de subjetivação, através desse ideal de ciência neutra e quantificada: “ A linguagem científica da universidade carrega relações de poder, limita a fala, reúne em seu corpo teórico apenas o que pode ser assimilado por suas leis, pela regulamentação linguística, excluindo o diferente, o estranho, o não culto. “(SANTOS, 2021, p.26).

Santos(2021) vai olhar também os discursos que reduzem a universidade como um espaço de formação profissional, num sentido que retiram seu papel enquanto instituição social, e a colocam num lugar de instituição a serviço do mercado. Esses discursos partem da ideia crítica de que a universidade supostamente dá prioridade a um “ensino iluminista” que seria caracterizado por ser abstrato, intelectualista, focado na transmissão de dogmas, distante das reflexões sobre a vida real do estudante ou da prática profissional para qual ele está se formando, colocando o estudante como um sujeito supostamente passivo e o professor como o único que detém o saber dentro dessa dinâmica de ensino.

Entretanto, a opção oferecida em resposta a essa dinâmica do ensino iluminista seria algo apoiado em valores neotecnicistas, que vai pensar a universidade como algo submetido aos desígnios do capital, ou seja, um espaço utilitarista onde os sujeitos são avaliados por sua capacidade de produzir, e essa produção ignoraria saberes acumulados, saberes da área das humanidades, em prol daquilo que é entendido como dotado de valor prático, capaz de gerar

lucro e que segue tendências de mercado. Santos(2021) entende que ambas as perspectivas do trabalho realizado na universidade são adoecedoras, uma vez que alienam o aluno de seu processo de formação.

A lógica universitária entretanto, como já foi mencionado, é marcada por conflitos e contradições, logo a existência de uma dinâmica de ensino em determinada instituição não necessariamente vai excluir a outra. Um ambiente que supostamente se caracterizaria por adotar um ensino iluminista pode abrigar uma cobrança excessiva por produtividade, uma instituição que visa excessivamente a produtividade pode aborrecer seus alunos com conteúdos que não se conectam com sua vida real, e é assim, pois a universidade não é um lugar homogeneizado no que diz respeito a lógicas e práticas internas.

Assim, uma vez que foram apresentados alguns dos elementos que dizem respeito ao modo de funcionamento de uma universidade, é hora de falar da relação dos discentes com ela e sobre os aspectos que dizem respeito ao sofrimento deles dentro desse ambiente. Santos(2021) aponta a existência de fatores pessoais, interpessoais, ambientais, institucionais, históricos e culturais que justificam o sofrimento dentro da universidade, todos eles estando entre si relacionados e salientando que a necessidade de uma análise contextualizada sobre eles.

Um exemplo disso é trazido por Salvador(2020), que traz um recorte interessante de um fator de sofrimento pessoal e interpessoal dentro do meio universitário: a solidão. A partir de entrevistas ela foi capaz de fazer um recorte de sujeitos que lidam com o isolamento dentro do ambiente universitário e o sofrimento que isso produz, onde ela chegou a conclusão de que os sujeitos que lidam com isso tratam o ato de se relacionar como uma tarefa muito árdua e dolorosa, evocando Freud, ela relaciona essa dificuldade em se relacionar com o outro a atitude dos narcóticos, que produz sujeitos que se afastam do mundo como um todo e rompem laços para poupar seu investimento libidinal.

Rocha(2023) expõe que a Universidade possui um local privilegiado no debate sobre a produção de sofrimento na atualidade, uma vez que se trata de um espaço de formação do pensamento, da subjetividade e da crítica à realidade, atuando de modo a corroborar com processos de transformação social. Entretanto esse compromisso muitas vezes é limitado, pois a universidade ainda busca atender a demandas produtivistas de uma sociedade capitalista, culturalmente marcada por processos de dominação e controle do homem pelo homem, onde a competitividade e a necessidade de produzir suprimem a felicidade em prol da manutenção desse sistema.

Sobre essas demandas do capitalismo que dominam o ambiente universitário Santos(2021) aponta que em cursos da área da saúde como a Medicina, além de aspectos específicos que podem estar relacionados com a produção de sofrimento/adoecimento, como o contato com a dor e o sofrimento do outro, o medo da contaminação, fatores dessa relação cultural entre universidade e capitalismo também se manifestam como causas disso, como a competitividade, o individualismo, uma alta cobrança por desempenho acadêmico, ou ainda uma carga horária excessiva que sobrecarrega esses discentes.

Na verdade, é interessante destacar que a pesquisa de Santos et.al(2017) evidenciou o lugar da Universidade como um espaço marcado pela força dessas demandas estressoras do capitalismo, já que muitas vezes tais demandas(a competitividade, pressão por produtividade, cobranças) se manifestam antes mesmo dos ingressantes conseguirem adentrar esse espaço de fato, através da pressão do período do vestibular e o de pré-vestibular, onde as expectativas e sonhos do estudante são postos à prova graças a uma excessiva rotina de estudos, custos para se manter em um curso preparatório, a cobrança dos familiares e pessoas próximas(que muitas vezes vêm através de frases como “sua única obrigação é estudar”, que pode gerar um sentimento de culpa quando esse sujeito não está estudando), comparações e competitividade com outros estudantes. É interessante como todos esses aspectos se manifestam antes do ingresso no ensino superior e muito provavelmente vão continuar até depois do egresso desses estudantes, quando tiverem entrado no mercado de trabalho de fato, e as cobranças serão mais explícitas.

3 O OLHAR DA PSICANÁLISE: CONCEITOS QUE DIALOGAM E TRATAM DO CONSUMO ABUSIVO

3.1 Quanto ao consumo de álcool e a Toxicomania

Em “Mal estar na civilização”(1930/2006) Freud discutia a implacável/inevitável força que é o sofrimento, algo que parece inerente à vivência humana, ou pelo menos, razoavelmente mais fácil de ser experimentado do que a felicidade. Frente a inevitabilidade de tal sentimento, são apontados métodos paliativos que visam, se não criar formas de blindar o sujeito e reduzir o impacto dele(do sofrimento), servir como um meio de alívio, algo para se distrair e esquecer momentaneamente as avarias da vida. Entre esses métodos, se destaca a “intoxicação”, que seria, nas palavras de Freud “ o mais grosseiro, embora também o mais eficaz” (FREUD, 1930/2006, p.50).

Se a realidade pode fornecer experiências de sofrimento cada vez mais insuportáveis, e uma vez que se parte da perspectiva que todo sofrimento nada mais é do que sensação, ou seja, “só existe na medida que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado” (FREUD, 1930/2006, p. 50) é natural que o método mais eficaz de fuga disso seja algo que é dotado da capacidade de inebriar os sentidos, amenizar as preocupações, gerar prazer. Por essa razão, Freud(1930/2006) vai falar que esses intoxicantes ganharam um espaço de destaque, tanto entre indivíduos quanto entre povos, na economia de sua libido.

Freud também vai apontar a existência de manifestações psicopatológicas que se assemelhavam aos efeitos da intoxicação, como por exemplo o estado de “mania”, indicando uma preocupação com o “lado tóxico” dos processos mentais. Um colega de Freud, Sandor Ferenczi, também fez associação semelhante, como escreve Pereira(2013) Ferenczi em um pequeno texto expõe a existência de uma relação entre a intoxicação de álcool e os estados maníacos: “O bebedor, em sua fixação ao álcool, tenta reproduzir, artificialmente, a euforia interior que lhe está fazendo falta. A intoxicação, portanto, seria uma espécie de mecanismo maníaco depressivo.” (PEREIRA, 2013, p.83).

Por conta dessa ligação entre o estado de intoxicação e o estado de mania, uma das terminologias utilizadas para tentar descrever essa relação problemática do sujeito com

substâncias psicoativas, utilizada tanto na psicanálise quanto na psiquiatria, é a “toxicomania”. Pereira citando a obra de Berlinck entende a toxicomania como “(...) uma dependência do veneno(tóxico) numa espécie de envenenar-se constantemente” (PEREIRA, 2013, p.81). A escolha do uso desse termo também se é justificada por:

1) entender que alude tanto ao estado maníaco decorrente do uso da droga, quanto ao efeito tóxico da substância psicotrópica no corpo psicossomático; 2) poder indicar claramente que se trata de uma relação com o objeto-droga. Se o termo adicção tem a vantagem de expressar um modo de funcionamento mais amplo, perde a clareza por não especificar a natureza do objeto ao qual o sujeito está “apaixonado”; e 3) por já ser consagrada na literatura. (PEREIRA, 2013, p.81)

Pereira(2013) elabora também que é no campo da toxicomania que o fenômeno da “compulsão à repetição” pode ser mais facilmente observado atuando na vida psíquica, na verdade com a dependência sendo definida como uma das formas mais características de compulsão à repetição. “Seria por meio desse fenômeno repetitivo que se poderia verificar o trabalho das pulsões de morte nos toxicômanos. Haveria, portanto, envolto ao prazer, um elemento destrutivo predominante.”(PEREIRA, 2013, p.86). Pereira sugere que no caso da toxicomania o prazer do efeito da droga estaria relacionado com o desprazer e com a destruição provocados pelas pulsões de morte.

Mendonça(2011) expõe que a tese freudiana mais relacionada a toxicomania se fundamentaria na estrutura clínica da neurose, com a droga atuando como uma forma de amenizar os efeitos do supereu paterno e da exigência civilizatória. Pereira(2013) por outro lado, elabora que a toxicomania não se limitaria a uma estrutura clínica específica, sendo comum na verdade se observar em uma mesma pessoa alternância entre elementos perversos, psicóticos e obsessivos.

Martins(2011) destaca a existência de pelo menos 3 vertentes que pensam a toxicomania: A primeira vai de acordo com o que é postulado por Pereira a respeito da toxicomania ser um fenômeno possível em qualquer uma das 3 estruturas clínicas propostas pela psicanálise; a segunda, proposta por Claude Olievenstein que vai pensar a toxicomania como uma quarta estrutura; e uma terceira vertente que vai pensar a toxicomania como algo exclusivo ao tipo clínico da estrutura perversa.

Araújo(2019) referenciando o trabalho de Olivieri contesta as três vertentes ao apontar que a toxicomania não pode ser considerada uma estrutura clínica em si, ou seja, não pode ser considerada uma quarta estrutura e também não poderia estar associada a perversão, porque:

Na medida em que não recorre ao simbólico; também não é um sintoma porque não ocorre uma formação de compromisso, além disso, prescinde do gozo fálico, o desejo não comparece, a droga não faz enigma para o sujeito - nesse contexto, a droga surge não como objeto de desejo, mas como objeto de gozo; e não pode ser colocada no campo da perversão porque não tem a mediação da fantasia”(ARAÚJO, 2019, p. 43)

Ao invés disso Araújo(2019) volta seu olhar considerando a especificidade do uso da droga dentro das estruturas de Neurose e Psicose. Na neurose o uso da droga trabalharia como uma tentativa de “tamponar a divisão subjetiva”(Araújo, 2019, p. 44) enquanto na psicose ela se configura como uma tentativa do sujeito de se separar do Outro, “A toxicomania nos casos de psicose pode apresentar-se como um modo de manter conectados o imaginário e o real”(ARAÚJO, 2019, p. 44)

Araújo(2019) chama a atenção ao fato de que, em psicanálise, não é porque um sujeito faz uso de algum tipo de droga que necessariamente vai se enquadrar na definição de toxicômano. A autora reforça a necessidade de se fazer uma diferença entre uso recreativo(que não é patológico ou problemático) e uso abusivo(onde existem danos decorrentes do consumo na vida do usuário). Segundo ela o que vai definir o tipo de uso é o caráter de sujeição que cada um vai estabelecer com a droga, e o distanciamento com o laço social, no que diz respeito a se pensar em como o consumo de determinada droga afeta a relação de certos sujeitos com seu trabalho, com sua família, com a organização de sua vida financeira.

No que diz respeito a esse caráter particular do uso da droga, particular no sentido que seus benefícios e malefícios estão associados ao modo como cada um lida com esse consumo e suas eventuais repercussões, e não necessariamente ele representa um bem ou mal em si mesmo, Araújo(2019) assim como Santiago(2017) sinaliza para o conceito de *Phármakon*, uma palavra utilizada pelos gregos para designar a droga em um sentido amplo, que poderia representar tanto um remédio quanto um veneno dependendo da maneira como for utilizada. Aquilo interpretado como remédio pode eventualmente se corromper em veneno, e um veneno pode ocasionalmente servir como um remédio para alguma questão.

Santiago(2017) fala sobre como o *Phármakon* acabou sendo cooptado pelo discurso do capitalista e pelo discurso da ciência. Se originalmente o caráter desse conceito indicava algo ambíguo, que poderia tanto fazer bem quanto fazer mal, e que ainda era utilizado como um instrumento de conexão com o divino, com o espiritual em algumas culturas que praticavam rituais xamânicos, com a apropriação pelo discurso do capitalista acabou se resumindo como mais uma mercadoria, um meio de se chegar ao gozo, obter prazer, ou ainda garantir energias

para que se continue a produzir. No discurso da ciência por sua vez, o *Phármakon* foi estigmatizado, enquadrado a partir da perspectiva médica, como o tóxico, a droga, num sentido que se afasta de suas propriedades místicas, ritualísticas, espirituais, e vai de encontro a uma ideia de controle, no sentido de que é a ciência médica que vai determinar quais drogas podem ou não ser utilizadas, quais devem ser proibidas, e a partir disso nós vemos quais indivíduos são ou não marginalizados, enquadrados, discriminados, encarcerados ou até mesmo mortos por fazerem seu uso.

De certo modo, o álcool, apesar de estar atravessado pelo discurso da ciência e do capitalista, é uma das poucas drogas que ainda preserva semelhança com o conceito de *Phármakon* e isso talvez se deva a um conflito entre ambos os discursos. Enquanto a ciência cataloga seus riscos e aponta as problemáticas de seu uso, o discurso do capitalista lhe garante um lugar de licitude enquanto uma preciosa mercadoria. Assim, o álcool preserva um caráter ambíguo de remédio/veneno para questões da alma, sendo um instrumento para esquecer ou amortecer os problemas.

Retornando a Freud e seu *Mal Estar na Civilização*(1930/2006), podemos perceber que já existia um alerta quanto ao consumo abusivo e aquilo que poderia ser entendido como abusivo. Freud alerta para o risco do uso dos intoxicantes, enquanto veículo para uma fuga da realidade, já que seu uso prolongado poderia representar um grande desperdício de energias que poderiam ser utilizadas para, segundo Freud, o aperfeiçoamento do destino humano. Idealismo à parte, essa noção conversa com o que é posto a respeito do consumo abusivo como algo que atrapalha o laço social do sujeito, atrapalha sua capacidade de produzir e de se relacionar.

3.2 A Compulsão à repetição e o princípio do prazer

Zimerman (2005), exemplifica o alcoolismo como uma compulsão do tipo adição, que pode ser descrita como um impulso para consumir a droga que o sujeito sente como impossível de ser controlado. Assim acaba repetindo o ato de beber de uma forma abusiva, de forma inesperada, contrariando até mesmo um eventual desejo de não repetir mais esse comportamento, o que configura uma relação de dependência com a bebida. Essa dificuldade em controlar a vontade de beber seria “um transtorno de regulação de tensão interna como sentimentos de excitação, tensão ou estimulação antes de agir, prazer ou euforia no ato, ou culpa após.”(OLIVEIRA; BARBOSA, 2022, p.5)

Como já foi brevemente mencionado no tópico anterior, é no campo da toxicomania, onde a dependência pelo álcool se enquadra, que o fenômeno da compulsão à repetição é mais facilmente observado, em todo seu caráter dicotômico, no que diz respeito a maneira como tal fenômeno está associado a sensações de prazer e desprazer e conflitos pulsionais, por essa razão será realizada neste tópico uma tentativa de explicação mais acentuada dele e de outros fenômenos e princípios que o atravessam.

Pereira escreve que com a compulsão à repetição nos aproximamos mais da dimensão pulsional, “em sua natureza indomesticável, exigente e demoníaca”(PEREIRA, 2013, P. 20) que se apodera e transforma o sujeito numa ferramenta de repetição daquilo que é desagradável ao ego. Gondar(2001) por sua vez fala sobre como os sintomas compulsivos não podem ser considerados apenas como manifestações do inconsciente ou formações de compromisso, pensando neles como algo que estaria presente em uma via mais curta do que manifestações de conteúdo recalcado.

Evocando a obra de Freud, Gondar(2001) explica a compulsão como algo que não é simplesmente um sinônimo de obsessão, porém diz respeito a uma peculiaridade de determinados sintomas obsessivos: pensamentos ou ações que o sujeito realiza ainda que lhe pareçam algo estranho, algo que está errado, algo que eles não gostariam de repetir, mas que são movidos por uma força irresistível contra a qual esse sujeito gostaria de lutar.

A compulsão, nesse caso, resulta de um conflito psíquico e de uma luta subjetiva entre duas injunções opostas, estando o sujeito impossibilitado de escolher qualquer uma delas. Encurralado nessa hesitação exasperante, a resposta do sujeito é o ato compulsivo (GONDAR, 2001, p. 3)

Sobre essas duas injunções opostas mencionadas por Gondar, é hora de retornar as postulações de Freud na íntegra, a partir da obra “Além do princípio de Prazer”(1920/2006) para se tentar compreender com plenitude o conceito de compulsão à repetição. A obra inicialmente apresenta a relação entre prazer e desprazer através do trabalho desses dois elementos de controlar a quantidade de excitação presente dentro do aparelho psíquico. O desprazer corresponderia a um aumento da quantidade dessa excitação, enquanto o prazer seria o responsável por sua diminuição.

O princípio do prazer seria originalmente interpretado como algo que domina a vida mental, uma vez que se formulavam hipóteses sobre como o aparelho psíquico se esforçava em manter os níveis de excitação nele presentes tão baixos quanto o possível, ou pelo menos, dentro de uma constante que forneceria pouca variação em sua quantidade. O princípio do prazer

decorreria então do princípio da constância, de um aparelho psíquico subordinado a um ideal de estabilidade entre prazer e desprazer.(FREUD, 1920/2006). Todavia nesse texto específico, Freud se mostra relutante em falar sobre uma dominância desse princípio, acreditando que o que existe na verdade é uma forte tendência na estrutura da mente ao princípio do prazer, que é constantemente contrariada por diferentes forças ou circunstâncias, de uma forma que o resultado final nem sempre está de acordo com essa tendência do princípio do prazer.

Voltando nosso olhar para produções da contemporaneidade, Pereira(2013) vai apontar que o aparelho psíquico é sim dominado pelo princípio do prazer, e “os eventos psíquicos são movimentados pela tendência a diminuir a tensão ocasionada pelo acúmulo de excitação” (PEREIRA, 2013, p.26), evidenciando que se trata de uma concepção econômica(no que diz respeito a como a energia psíquica flui através da mente e influência no comportamento humano.). Pereira vai apontar uma relação dicotômica, e talvez, paradoxal entre os princípios de prazer e desprazer, uma vez que, se o aparelho psíquico é guiado pela busca pelo prazer “Via de regra, só é possível obter prazer (diminuição de energia livre no aparelho) se anteriormente houver desprazer (acúmulo de energia livre no aparelho).” (PEREIRA, 2013, p.26)

Retornando a Freud(1920/2006), é importante destacar que, apesar de sua tentativa de sugerir uma não dominação do aparelho psíquico por parte do princípio do prazer, ele reconhece que a presença de fontes de desprazer constantes não justificariam algum tipo de contradição da ideia de dominância do princípio do prazer. Entre essas fontes de desprazer que inibiriam a ação do princípio de prazer, Freud vai apontar a presença do Princípio da Realidade, que entraria em cena sob influência de pulsões relacionadas a autopreservação do ego, e que não vai abandonar a intenção de obter prazer, mas que para chegar até ele vai exigir e efetuar o adiamento da satisfação, abandonando uma série de possibilidade de se obtê-la, e tolerando temporariamente o desprazer como uma forma de trilhar um longo e indireto caminho para ele (o prazer).

Outra dessas fontes de desprazer seria a incompatibilidade entre diferentes pulsões, ou partes de pulsões, no que diz respeito a objetivos e exigências, o que resultaria num processo de recalque dessas pulsões incompatíveis dentro da unidade inclusiva do ego, sendo afastadas da possibilidade de satisfação. Quando essas pulsões recalcadas de algum modo conseguem chegar a uma satisfação direta ou substitutiva, essa satisfação acaba sendo sentida pelo Ego como uma fonte de desprazer. Freud vai pontuar que todo desprazer neurótico é dessa espécie, ou seja, um prazer que não pode ser sentido como tal.(FREUD, 1920/2006)

Pereira(2013) expõe que, em um primeiro momento, todo o trabalho de Freud consistia em colocar à prova a dominância do princípio de prazer, procurando encontrar fenômenos que não estão submetidos a esse princípio. Nessa busca ele encontrou quatro fenômenos: “1) trauma; 2) brincadeira infantil do Fort/Da; 3) repetição transferencial de situações desprazerosas; e 4) compulsão de destino”(PEREIRA, 2013, p.26)

No que diz respeito ao trauma e a brincadeira do Fort/Da, cabe dizer que foram fenômenos que iluminaram o caminho para Freud pensar em processos que estariam além do princípio do prazer. A questão trazida pelo trauma tinha a ver com o sonho dos traumatizados, nesse contexto específico, pessoas traumatizadas pelos horrores da primeira guerra, que em seus sonhos retornavam a esses cenários e situações de horror, o que colocava em xeque a ideia dos sonhos como algo relacionado a realização de um desejo, uma fonte de prazer.

A brincadeira da “**Fort/Da**” por sua vez se tratava da observação de Freud da ação de uma criança de constantemente jogar para longe os seus brinquedos, e num segundo ato, puxá-los de volta através de um carretel de linha. *Fort* significando algo “ir embora” e *Da* significando “alí está”, um desaparecer e reaparecer. Essa brincadeira se trataria da reencenação de uma situação traumática na vida dessa criança: sua mãe se despedindo para ir trabalhar e sumindo por algumas horas. Uma situação que não poderia ser entendida pela criança como algo positivo ou indiferente, mas que foi vivenciado por ela sem trazer consigo uma expressão de revolta por parte da criança. Assim a questão da criança estar reencenando constantemente uma experiência aflitiva fazia Freud questionar onde estava o prazer nisso(e assim, onde estava a dominância do princípio do prazer nessa situação), o que permitiu que fossem levantadas algumas hipóteses.

A principal hipótese foi de que a razão da brincadeira se deve a uma tentativa da criança, através da repetição de uma situação desagradável, de se colocar em uma posição ativa, de sujeito dominador dessa experiência, em detrimento da passividade com que experimentou pela primeira vez o evento traumático de se desvincilhar da mãe ou ainda poderia ser entendida como uma forma de se vingar da mãe, jogando ela fora primeiro, ambas as hipóteses associadas a uma ideia de experiência de dominação.

Freud(1920/2006) associa essa situação a uma tendência das brincadeiras de criança, de repetir experiências entendidas como muito impressionantes(podendo ser inclusive assustadoras ou desagradáveis) em brincadeiras, de modo a exercer algum tipo de dominação sobre o outro, transferindo nele a experiência desagradável que vivenciou e assim se vingando

de um substituto. Todavia a abordagem desses casos, ressalta mais uma vez a dominância do princípio de prazer, onde mesmo aquilo que era originalmente entendido como desprazeroso pode ser rememorado, repetido e convertido numa experiência prazerosa.(PEREIRA, 2013).

Freud em “Recordar, Repetir e Elaborar”(1914/2010) enquanto tratava da temática da transferência, falou da compulsão à repetição como algo associado à resistência do Ego. Sendo a compulsão à repetição, dentro da clínica, entendida como uma manifestação do recalcado, do inconsciente que quer se romper das pressões do consciente, enquanto a resistência a isso é uma manifestação do princípio do prazer que se manifesta quando o analisando se aproxima de experiências que poderiam oferecer desprazer ao Ego. Assim a compulsão à repetição é entendida como um modo de se recordar de lembranças que se encontram recalçadas, uma ação que se efetua sem partir da necessidade de se pensar sobre o que está sendo realizado, é um agir sem pensar, que se manifesta quando aquilo que não pode mais ser contido pelo recalçamento ou suportado psiquicamente vem a tona. (PEREIRA, 2013)

Pensada dentro da análise clínica, a compulsão à repetição enquanto uma expressão do recalcado foi o que fez Freud conseguir viabilizar a hipótese da existência de processos psíquicos que não estariam relacionados ao princípio do prazer, uma vez que, quase tudo que o paciente revivia, como padrões de relacionamento ou experiências, através dessa repetição, que viria graças a processos de transferência/contratransferência, causaria muito desprazer ao Ego, com esse ego tendo que lidar com a exposição de memórias recalçadas. Um processo de transferência do desprazer que evidenciaria uma força pulsional em estado bruto.

Todavia, como já foi dito enquanto se falava da brincadeira da "Fort/Dá", nem toda repetição implica em desprazer, e mesmo um desprazer inicial pode vir a ser reformulado como um meio de se obter prazer, sendo assim, a compulsão à repetição estaria sim a serviço dessas duas forças(Princípio do prazer e desprazer dos conteúdos recalcados vindo a tona). (PEREIRA, 2013)

Para além da transferência do desprazer, Freud observou também uma tendência presente em algumas pessoas de terem um papel ativo na construção de seus próprios destinos cruéis, mas que todavia, quando se deparam com a insistência de determinados padrões de acontecimento começam a atribuir a eles um caráter sobrenatural, demoníaco, provenientes de uma força além da compreensão, e se entendem(erroneamente) como vítimas, instrumentos passivos desse destino. Essa tendência levou Freud a pensar na existência de uma compulsão de destino atuando na vida psíquica.(PEREIRA, 2013)

Tal fenômeno seria determinado por experiências infantis precoces, repetições dos mesmos “padrões de relações objetais e cristalização de um determinado funcionamento psíquico.”(PEREIRA, 2013, p.29), onde a transferência também desempenharia um papel fundamental, já que através dela que seria possível um deslocamento de representações e afetos entre passado e presente, ressaltando o fato de que a transferência não é um fenômeno exclusivo do trabalho analítico, mas sim um processo psíquico humano, que como tal, poderá ser observado fora do ambiente clínico

A transferência do desprazer e a compulsão de destino seriam entendidos então como evidências que sustentam a tese de Freud da existência de algo além do princípio do prazer, se enquadrando nos raros casos em que a compulsão à repetição não estaria associada a esse princípio. Enquanto a brincadeira do “Fort/Da” e o sonho dos neuróticos por sua vez, apesar de evocarem experiências desprazerosas, a repetição dessas experiências estariam submetidas ao princípio do prazer, já que o retorno a essas experiências implica no prazer de vivenciar elas como um agente ativo, que pode vivenciar novos afetos e sensações que não puderam ser experimentados quando o trauma foi originalmente vivido. (PEREIRA, 2013)

Esse “algo”, o processo que estaria para além do princípio do prazer seria a *Bindung*(*ligação*), que se manifesta quando, após um trauma por exemplo, a economia do aparelho psíquico é perturbada por uma quantidade excessiva de excitação. Sem conseguir impedir que essa excitação invada o aparelho psíquico, é feito um trabalho de ligar as energias livres e móveis, imobilizando-as. Esse processo seria anterior, mais primitivo quando comparada ao princípio do prazer, e necessário para que esse princípio estabeleça sua dominância. (PEREIRA, 2013)

A relação entre a compulsão à repetição e a *Bindung* poderia ser entendida de duas formas de acordo com Pereira(2013): 1) Primeiramente como uma forma de possibilitar a ação da *Bindung*, o repetir compreendido como algo necessário para que o processo de ligação ocorra, uma tentativa de integrar e elaborar experiências, que por serem demasiadamente intensas, necessitam desse instrumento, desse trabalho da repetição para poderem ser ligadas e por conseguinte ser possível extrair algum sentido delas; 2) Ocorrendo justamente na falha da *Bindung*, com essas experiências sendo repetidas sem um propósito claro, uma repetição que ocorreria por pura insistência pulsional, o que possibilita a capacidade de interpretá-la como um fenômeno anterior à própria *Bindung*, antecedendo qualquer possibilidade de ligação, um

processo originário de nossa vida psíquica. Repetir porque a repetição seria uma qualidade da própria pulsão.

As manifestações da compulsão à repetição não relacionadas a Bindung, configurariam um caráter altamente pulsional. Pulsional no sentido de que as pulsões passaram a ser entendidas não apenas como algo que atuaria para o desenvolvimento do organismo vivo, mas sim como um elemento de caráter conservador, que vai visar o retorno desse organismo para estágios anteriores que foram abandonados em decorrência da ação de forças perturbadoras externas.(PEREIRA, 2013)

Esse aspecto conservador, implicaria então ao retorno de estágios anteriores a vida orgânica, com o organismo sendo compelido a repetir a experiência de um estado de não existência, se tornar de novo um objeto inanimado, repetindo seu percurso de forma regressiva, até chegar ao curso natural da vida: a morte. Assim as pulsões de morte se estabeleceram dentro do funcionamento do aparelho psíquico como algo que trabalharia para impedir o desenvolvimento do organismo, visando a morte do Ego, objetivando a regressão e a repetição.(FREUD, 1920/2006)

Todavia, esse caráter conservador também se manifesta nas pulsões de vida, que apesar de serem responsáveis pelo desenvolvimento do organismo e sua ligação com os objetos, almejam a preservação desse organismo até que ele possa morrer a sua maneira. Pereira(2013) discorre então que haveria assim, um ritmo alternante entre as pulsões no sentido da conservação, com uma almejando um regresso a um estado anterior à existência e outra tentando preservar essa existência.

A compulsão à repetição seria então entendida por Pereira(2013) como algo que atuaria e provocaria efeitos diretamente em todo o funcionamento pulsional. Quando mais acentuada e resultado direto do trabalho das pulsões de morte, não relacionada ao Bindung, seria interpretada como uma força demoníaca que compelia os sujeitos a repetição de experiências desagradáveis, mas que também estaria associada às pulsões de vida quando atua repetindo processos psíquicos associados ao princípio do prazer, logo não poderia ser associada somente às pulsões de morte.

O autor aponta também a compulsão à repetição como algo que seria trabalhado mais tarde na obra de Freud como uma manifestação da resistência do Id, evidenciando esse fenômeno como algo inerente da dimensão e do funcionamento pulsional, e também salientando o papel das pulsões como um elemento conservador por natureza. Silva(2014) reforça essa

premissa ao olhar para a compulsão à repetição como a manifestação de uma tendência pulsional à regressão.

Assim, podemos entender que a compulsão à repetição é um conceito bastante complexo dentro da literatura psicanalítica, uma vez que abarca fenômenos que a princípio podem parecer antagônicos ou não relacionados, podendo atuar a partir dessas relações contraditórias, estando sujeito a influência de múltiplos outros processos e fenômenos. Vida e morte, prazer e desprazer, existência e não existência, ou existência pra gerar um retorno a não existência, tudo isso é encapsulado e trabalhado nesse processo do funcionamento pulsional.(PEREIRA, 2013)

3.3 O beber compulsivo

Uma vez que já foi esclarecido por Freud que o consumo de intoxicantes pode ser uma ferramenta para uma fuga dos sofrimentos ocasionados pela realidade, em outras palavras, uma manifestação da atuação do princípio do prazer dentro do aparelho psíquico, o regulando de modo a evitar o sentimento de desprazer., é importante entendermos como essa fuga acaba se transformando numa fonte de desprazer em si, visando algo diferente, algo que estaria além do princípio do prazer.

O princípio da realidade, como já foi visto, entraria nesse cenário como uma ferramenta de autopreservação do ego, que todavia, não abandonaria as pretensões de obter prazer, ainda que esse prazer venha apenas através ou depois de certo nível de sofrimento. Assim um alcoolista poderia ser entendido como alguém que, em decorrência do poder empregado pelo trabalho das pulsões, busca na ingestão do álcool prazer que está em falta em sua vida, ignorando certos aspectos do princípio da realidade, como uma ressaca ou a maneira como seus relacionamentos são afetados pela bebida, fatores que podem expressar sofrimento, para alcançar um prazer que nunca se alcança verdadeiramente, necessitando de quantidades cada vez mais maiores para tentar emular a sensação de primeira vez sentindo o prazer da bebida.

Vianna(2011) aponta para o processo de repetição que se forma aí, nesse caminho onde o sujeito busca no álcool uma ferramenta para obtenção de prazer, que nunca se alcança verdadeiramente, uma vez que a busca do sujeito por esse objeto de desejo ainda que traga algum prazer, vai marcar um aprisionamento do sujeito pela sua fonte de sofrimento e por uma limitada fonte de satisfação libidinal. Em outras palavras, a relação entre o álcool e o sujeito

deixaria de ser marcada como uma relação de eventual alívio da dor, e passaria a significar um processo de busca de satisfação no sofrimento.

Santiago(2017) corrobora com isso ao tratar das postulações de Simmel sobre o alcoolismo, com o álcool sendo originalmente um meio de proteção do eu em seu conflito contra a realidade, que atuaria por exemplo, como uma defesa contra a melancolia, que para isso geraria um estado de mania artificial(a toxicomania), que diferentemente da mania espontânea, não ajudaria o alcoolista a encontrar o caminho dos objetos, na verdade com o álcool tomando o lugar de todos os outros objetos contra os quais a agressividade do alcoolista era anteriormente dirigida.

Vianna(2011) nos ajuda a esclarecer então que a compulsão ao álcool não vai decorrer apenas do encontro com a substância, sendo na verdade o sujeito que vai fazer dela um objeto fundamental para um mecanismo próprio da pulsão que já foi colocado em evidência no tópico anterior: A compulsão à repetição, que teria como principal característica nesse contexto, graças a seu caráter conservador e de resistência a mudança derivado da pulsão de morte, não a repetição do encontro com o objeto de prazer(o álcool) mas sim uma repetição do sofrimento, uma repetição do encontro faltoso com o objeto.

O eu/ego do alcoolista vai sofrer então um processo de desintegração, proveniente de uma ação destrutiva do supereu, que como explica Gondar(2001), está firmando uma aliança com a pulsão de morte, funcionando não como uma barreira a um eventual prazer mortífero, mas na verdade o exigindo, ordenando que o sujeito abdique de sua dimensão desejante, e passe a agir apenas pelo dever, nesse caso, o dever de beber. Desse modo o supereu como descrito é entendido não como um princípio de limitação, mas sim como um princípio de excessos, que se faz valer através das exigências urgentes da pulsão de morte.

Santiago(2017) reforça isso ao falar de uma relação cambiável entre a bebida e o objeto odiado, transformando em agradáveis experiências dolorosas originárias da masturbação infantil, com o álcool atuando como um veículo para a regressão, numa estratégia estritamente defensiva, cujo sujeito alcoolista vai retornar a fase fálica, oral ou anal, provando da euforia alcóolica como uma sexualidade desgenitalizada. Um processo de repetição de padrões de funcionamento psíquico anteriores, um repetir, um retorno, que vai implicar numa qualidade própria da pulsão de morte, seu caráter de conservação em direção a inorganicidade.

Assim, o toxicômano, o alcoolista, ao reduzir o seu corpo a miséria de uma servidão orgânica e degradação, vai de encontro às forças que o objetivam um retorno a um estado de

não existência, a uma destituição de si mesmo enquanto um sujeito desejante, ele vai de encontro a uma satisfação que embora resulte em desprazer ao sistema consciente, vai satisfazer o sistema inconsciente, decorrente do papel da compulsão à repetição a serviço do recalcado e das pulsões de morte.(VIANNA, 2011)

4 DESAFIOS DA POPULAÇÃO UNIVERSITÁRIA E O PAPEL DA BEBIDA

4.1 Como os estudantes estão ocupando a universidade? Aprendendo a Aprender e fracasso acadêmico

Apesar de ser uma parte imprescindível de qualquer formação, a experiência universitária não gira em torno apenas do espaço da sala de aula e das dinâmicas que dali derivam (trabalhos, seminários, tarefas), e para além disso, não se restringe a um processo de aprendizado estritamente relacionado a processos cognitivos. Como escreve Ferreira(2014), a sobrevivência acadêmica do universitário está muito relacionada a um engajamento que diz respeito a um processo de socialização universitária e na construção de estratégias de aprendizado.

A respeito das estratégias de aprendizado, elas aparecem ao longo dessa vivência quando, muitas vezes, a universidade não oferece recursos que possibilitem que seus alunos aprendam a aprender. Em outras palavras, os alunos chegam na universidade acostumados com métodos de aprendizado generalistas derivados da educação escolar anterior, e tem dificuldade em se adaptar às disciplinas específicas e com as demandas acadêmicas e profissionais do ensino superior. E como enfatiza Ferreira(2014), esse processo de “aprender a aprender” é construído pelos próprios estudantes ao longo de sua formação, e é vital para dar sentido a todos os processos que vão aparecer ao longo de suas graduações.

Ferreira(2014) explica que a questão do aprender a aprender, apesar de estar relacionada a um desenvolvimento de autonomia por parte do estudante universitário, o que por sua vez é algo entendido como uma preocupação da educação contemporânea, acaba muitas vezes sendo negligenciada em decorrência de um sistema de ensino que incentiva os alunos a priorizarem os processos de avaliação em detrimento dos de aprendizagem. Uma preocupação excessiva por notas e certificações, que às vezes se sobrepõe ao aprendizado de conhecimentos sociais e profissionais úteis.

De modo similar, Fonseca(2017) ao tratar da questão da importância dos estágios e das atividades de extensão em um curso como psicologia, ressaltou, se respaldando na obra de Jean Oury, como essas atividades são um momento em que os estudantes têm a oportunidade de experimentar o processo de se abrir para o mundo. Esse processo de se abrir ressalta a importância da obtenção de experiência, da vivência de momentos, dos conhecimentos obtidos

na universidade sendo aplicados no mundo exterior e de se permitir conhecer coisas novas que não estão catalogadas e formalizadas dentro dos muros da universidade.

Todo esse processo de ganho de experiência seria entendido como algo indissociável da formação de um universitário, no entanto, Fonseca(2017) faz uma crítica sobre como ele é desvalorizado no modelo de universidade convencional. Ela aponta sobre como a universidade se tornou um ambiente onde o excesso de informação suprime esse lugar da experiência, na verdade, a alcançando como um lugar onde impera a “antiexperiência”, camuflada de um ideal de neutralidade científica.

Assim, ao mesmo tempo em que a universidade exige essa competência do aprender a estudar, ela muitas vezes não ajuda os alunos para que eles a desenvolvam, e na verdade, acaba se tornando um ambiente onde esses alunos replicam a mesma mentalidade derivada do ensino médio de se preocupar excessivamente com avaliações, em tirar uma nota boa, antes de se preocuparem em dar sentido ao que estão fazendo ali, em ocuparem com plenitude aquele espaço. Ferreira(2014) vai dizer que isso passa a impressão aos alunos de que eles foram promovidos para um nível avançado de incompetência escolar, o que gera sentimentos de frustração e estranheza para com a universidade.

Também é interessante observar como a comunidade universitária aproveita e acessa as diferentes oportunidades que são oferecidas dentro desse espaço, se pensarmos por exemplo em atividades de extensão, estágios não remunerados, participação em eventos acadêmicos. Almeida(2007) aponta que, na percepção de alguns estudantes em situação de desvantagem socioeconômica, a universidade é uma instituição que oferece muitas coisas ao custo de tempo, e tempo é algo escasso na vida de muitos estudantes que tem que por exemplo, equilibrar ele entre os estudos e o trabalho, a família, ou outras questões que surgem fora do espaço da universidade.

Teixeira e.t al.(2008) enfatizam como as atividades acadêmicas que não são obrigatórias auxiliam os alunos que se propõem a executá-las em processos de adaptação com o curso, graças a oportunidade de contato com outros alunos e professores, assim como a movimentação do aluno dentro do curso o possibilita conhecer novas possibilidades e os motiva em relação à vida acadêmica, por isso é interessante problematizar o quão acessíveis são essas atividades para estudantes em situação de desvantagem socioeconômica.

E sobre os estudantes em situação de desvantagem socioeconômica, Ferreira(2014) aponta como mesmo em um cenário de crescentes mobilizações para que pessoas de camadas

populares consigam acesso a universidade, persistem dificuldades de adaptação dessas pessoas quando elas conseguem ingressar de fato na universidade, muito associada a uma dificuldade em cumprir determinados padrões de desempenho acadêmico, padrões esses que ignoram o percurso que essas pessoas tiveram da rede pública de ensino, a falta de incentivo familiar para investir nos estudos e das dificuldades financeiras em se manter em um curso de graduação. Assim, a universidade se mantém um espaço elitizado, que apesar de abrir a porta a pessoas de camadas populares, faz com que sua permanência corra o risco de ser rodeada de frustração e discriminação decorrentes de barreiras impostas pela academia.

O fracasso acadêmico por sua vez, muitas vezes é visto a partir de uma lógica moralizante, onde os próprios alunos assumem compromisso com seu mal desempenho, e fatores psicológicos e contextuais de aprendizagem são desconsiderados em favor de uma ideia de que esse desempenho estaria relacionado a sua própria vontade ou falta dela, algo que é corroborado através do discurso de alguns professores, que tentam justificar um mal desempenho de seus alunos por uma suposta “má vontade” ou “falta de vontade” com seus deveres de estudante.(Ferreira, 2014)

4.2 A satisfação, motivação e a socialização do universitário: fatores relacionados a permanência em um curso de graduação

Um ponto importante que Ferreira(2014) traz em seu texto é sobre como relações afetuosas, sejam elas num nível mais íntimo ou coletivo, são importantes para possibilitar uma manutenção e motivação do esforço acadêmico, fato que é corroborado por Paivandi(2014), que defende que a cognição e socialização não são coisas separáveis, e reforçado por Moreira(2019) ao apontar que para incentivar os estudantes nesse novo nível acadêmico o meio deve ser estimulante e afetivo.

Moreira(2019) em seu texto sobre evasão acadêmica no ensino superior, evoca brevemente o conceito de capital social, desenvolvido originalmente por Bourdieu, para falar de estratégias de socialização, as quais a autora acredita serem imprescindíveis para uma sobrevivência acadêmica. Ela enfatiza que existe uma ideia de lucros proporcionados pela sensação de pertencimento a um grupo, significando o estabelecimento de uma rede de apoio que possa auxiliar esse estudante em diferentes atividades dentro e fora do espaço da universidade.

Sobre as estratégias de socialização e a importância da criação de vínculos dentro do período da graduação, Ferreira(2014) vai falar de como o aprendizado se relaciona com a socialização através daquilo que ele chamou de “Didática Profana”. Na didática profana o aluno é guiado, através da prática, a desenvolver seus próprios métodos e técnicas de aprendizado, ignorando práticas pedagógicas e didáticas científicas convencionais . Esse processo de didática profana está muito entrelaçado com processos de socialização dentro da universidade, uma vez que é através do contato do aluno com colegas, grupos, professores e com o funcionamento organizacional da instituição, que esse aluno vai descobrir potenciais novos métodos para alavancar seu desempenho dentro da universidade.

Silva(2017) assim como Ferreira(2014) esclarece que, através da didática, do contato com o outro, seus colegas, que esse aluno pode aprender informações que não vão estar em nenhum livro didático, mas vão ser muito úteis para sua sobrevivência dentro da graduação. Podemos pensar como exemplo, maneiras de negociar com determinados professores, truques de aprendizado e até mesmo motivação para permanecer dentro de determinado curso, através do contato com veteranos, que vão lhes oferecer mais perspectivas sobre os caminhos que eles ainda vão percorrer.

Silva(2017) trabalha também com o conceito de cordialidade acadêmica, de acordo com a autora, a cordialidade, entendida como maior marca cultural do povo brasileiro, é colocada num sentido de estar associada a ideia de passionalidade, um anseio por convivências sociais, um desejo de viver no outro, estender relações e rejeição por interações impessoais. Na cordialidade acadêmica o estudante experimenta “por meio das trocas com seus pares, a esfera socializadora de caráter afetivo e malandrice como uma das estratégias de permanência”(SILVA, 2017, p. 87), assim esse estudante alcança, no contato com o Outro, uma maneira de incrementar sua aprendizagem, ao mesmo tempo em que prolonga sua vivência na universidade através de relações afetivas calorosas.

O outro, o colega com quem se interage, como destacado por Silva(2017), não se restringe a alguém que compartilhe da mesma condição socioeconômica, das mesmas opiniões, de histórias e contextos de vida parecidos, a autora ressalta que no ambiente universitário as relações se entrecruzam e ultrapassam papéis sociais esperados. Assim, docentes, funcionários, estudantes, mesmo com vínculos superficiais, acabam se ligando de uma forma ou de outra dentro desse ambiente, embora Silva(2017) enfatize que os laços mais duradouros são frutos de escolhas por afinidades e escolhas em comum.

A questão da importância da cordialidade e afetividade durante o período de uma graduação também é trazida no texto do Moreira(2019) ao falar a respeito da importância dos vínculos em uma graduação. A autora aponta que não necessariamente precisam ser formadas grandes amizades, mas os alunos que obtêm algum nível de sucesso acadêmico estão em constante contato com seus pares, e isso é entendido como um elemento muito positivo em determinadas situações onde esses alunos podem precisar de alguma ajuda.

Moreira(2019) ressaltava também a questão do valor cultural que cada estudante atribui ao curso que está fazendo, e como isso é um importante fator de permanência desses estudantes na universidade, se pensarmos por exemplo, na posição de orgulho em que são colocados filhos de famílias humildes que conseguem ingressar em uma universidade federal. E isso pode ser expandido para outros detalhes, como o quanto esse estudante está gostando do que está fazendo na universidade, se a área de formação era ou não o sonho dele, e esses fatores por sua vez podem vir a ser ofuscados em situações de fracasso acadêmico. Um aluno que se encontra em situação de desnivelamento para com o resto de sua turma, desorientado com seu tempo na universidade, que não sabe dizer exatamente em qual período está ou quando vai vir a se formar, pode perder boa parte do orgulho de estar em uma universidade e passar a lidar com vergonha e frustração por ter atrasado sua graduação.

Não dá para se ignorar também os desafios para a socialização que a questão da vulnerabilidade socioeconômica apresenta para alunos de classes populares que estão inseridos dentro da universidade, essa questão foi trabalhada por Ferreira(2014), Silva(2017) e Moreira(2019) e parece existir um consenso a respeito das dificuldades que surgem frente a necessidade de dividir a atenção entre a universidade e um emprego. Esses estudantes perdem oportunidades de socialização com seus colegas dentro e fora da universidade, tem que lidar com cansaço e ainda podem ser vítimas de segregação decorrente de suas condições financeiras ou pelo desempenho acadêmico abaixo da média em consequência da dupla jornada.

4.3 Uma sociabilidade ligada à bebida

Em um estudo que tratava das representações sociais das bebidas alcoólicas entre a população universitária masculina de Minas Gerais, Rosa(2013) evidenciou como o consumo da bebida está muito associado a uma ideia de diversão e como um meio de se alcançar uma facilidade em atividades de socialização. Assim, os hábitos de consumo das bebidas alcoólicas

estão muito associados a uma ideia de beber com alguma companhia, sejam amigos, colegas, interesses amorosos ou mesmo família, podendo-se dizer que a bebida acaba atendendo um papel de ajustar socialmente seus usuários.

Custódio(2009) fala de como o consumo de drogas em geral estaria relacionado a uma necessidade, em especial entre uma comunidade mais jovem, de se libertar de sentimentos de timidez, ansiedade ou falta de confiança, que são sentimentos que podem ser rotineiramente experienciados ao longo da vivência de um universitário devido às já mencionadas questões que dizem respeito a pressões sentidas dentro do ambiente acadêmico. Logo, o momento de consumo de bebidas alcóolicas pode ser entendido como uma oportunidade de espairar dos incômodos de suas rotinas, com algumas pesquisas confirmando isso, ao mostrar que o uso do álcool estaria associado a períodos em que esses estudantes se encontram mais fragilizados emocionalmente(SILVA et. al, 2006) atuando assim como um mecanismo de enfrentamento (SOUZA,2015).

Custódio(2009) também trata da questão do álcool enquanto uma ferramenta de adequação social, corroborando com o que é dito por Rosa(2013), o álcool dentro do contexto de festas e reunião entre universitários é um meio de possibilitar a existência de um sentimento de igualdade, de pertencimento entre esses diferentes sujeitos. Custódio expõe que apesar de eventualmente lidarem com situações e desafios similares ao longo de suas graduações, os estudantes muitas vezes ainda carecem do impulso dado pelo álcool que possibilita uma desinibição, perda de timidez, que propicia que uma comunicação, e eventuais trocas e oportunidades de se desenvolver identidades e amizades dentro desses ambientes.

Assim, pode-se afirmar que o álcool desempenha um papel de facilitador dos processos de cordialidade acadêmica, uma vez que, graças a desinibição proporcionada pela bebida, os estudantes podem vir a entrar em contato uns com os outros, e a partir disso, suprir essa necessidade de convivências sociais, estreitar relações de afetividade. Isso por sua vez facilita a vivência de processos relacionados a já mencionada didática profana, ou seja, facilita a experimentação de processos de socialização e aprendizado informal, que por sua vez, como foi apontado nos tópicos anteriores, são entendidos como algo essencial para permanência desses estudantes em um curso de ensino superior.

Entre os estudantes universitários, pensando no grupo que nacionalmente está mais associado a hábitos de consumo de álcool, a parcela masculina, é interessante o que aponta Rosa(2013) sobre como o ato de beber entre a população universitária masculina também está

relacionado a demonstrações de virilidade, controle, e uma forma de reforçar a própria masculinidade através da bebida. A bebida é vista também como um meio de facilitar investidas sexuais/românticas em ambientes como festas ou baladas, graças à já mencionada desinibição proporcionada pelo álcool.

Mendoza(2004) reforça isso ao apontar como o beber se dá como uma norma dentro do imaginário social masculino, aparecendo como uma manifestação do privilégio do homem, uma fonte de diversão entre amigos, um símbolo que representa uma forma de expressar um ideal de masculinidade. O ato de beber seria então entendido como um ato próprio do homem, presente em diferentes ritos e que deriva de diferentes lugares, tais como o seio da tradição familiar, e que evoca sentimentos de pertencimento e manutenção da coesão.

Ao mesmo tempo, apesar de ainda existir uma prevalência no que diz respeito à frequência, quantidade de bebida, e número de episódios com consumo pesado entre homens, alguns estudos apontam que o cenário começou a mudar e apresentam um relativo crescimento no número de mulheres, o que é atribuído a mudanças de ordem sociocultural em alguns países como o Brasil, com alguns estudos até evidenciando um número predominante de estudantes do sexo feminino ingerindo bebidas alcoólicas (SOUZA, 2015). Assim, apesar do beber ainda ser associado como uma forma de expressão da masculinidade, seu uso enquanto um agente socializador pode ser observado em ambos os sexos (ROSA, 2013).

Observa-se então que o comportamento de beber faz parte de um conjunto de estratégias socioambientais para facilitar a convivência do bebedor com os outros que estão a sua volta, então como expõe Souza(2015), o consumo de álcool está atrelado a certo grau de influência que os estudantes exercem uns sobre os outros, além das expectativas que cada estudante tem com relação aos efeitos da bebida, no caso, associações positivas entre o consumo de álcool e maior sociabilidade, desejo e desempenho sexual, confiança, diversão que serão proporcionados dentro de ambientes festivos. A autora sinaliza que essas expectativas vão retratar o comportamento de beber do indivíduo, existindo evidências de que sujeitos entendidos como “bebedores problema” tem mais expectativas positivas com relação ao consumo do álcool e uma tendência a negligenciar as eventuais consequências negativas de um consumo abusivo.

Toledo(2014) aponta que alguns autores consideram que o conflito existente entre o jovem e o abuso da bebida é resultado da falta de um facilitador, um modelo que conceda espaço à necessidade natural da juventude de pertencer a algum grupo e se identificar a ele. Segundo a

autora, a falta de ritos iniciáticos na sociedade contemporânea, ritos que delimitam o fim da infância e início da vida adulta, como os que se viam em comunidades nativas, transformou o consumo de álcool em um meio para iniciar e incluir os jovens em diferentes grupos, e assim, os espaços frequentados e os objetos de consumo adquirem um caráter ritualístico que demarca em qual fase da vida esses jovens estão.

A problemática de ter como instrumento de iniciação um consumo excessivo de álcool é, como aponta Toledo(2014), esse consumo acabar se tornando um fim que se encerra em si mesmo, e que ao invés de auxiliar no crescimento pode conduzir os sujeitos para uma indiferenciação e afastamento de si mesmos, que poderia vir através de uma dependência química. Na base das iniciações feitas a partir do uso do álcool e outras substâncias psicoativas, existiria uma necessidade de transcender a vida consciente, mas dentro de um consumo abusivo e compulsivo o caráter transcendente se perde e entra em outra lógica: o sujeito não mais transcende a si mesmo, mas livra-se de si. A substância perde o caráter de transformação e passa a ser um instrumento de alienação de si e do mundo (TOLEDO, 2014).

É interessante pensar como, por um lado, os benefícios do consumo de álcool estejam ligados a um ideal de pertencimento e ajuste com o coletivo, por outro, as eventuais repercussões negativas de um consumo excessivo são julgadas por uma lógica individualizante. Assim, o próprio sujeito, única e exclusivamente, é responsabilizado por sua escolha de beber e eventuais repercussões negativas provindas dela, ainda que o meio onde ele se encontra seja muito receptivo a prática de um consumo excessivo. (ROSA, 2013)

E sobre essas repercussões negativas, podemos enfatizar o aumento no envolvimento em situações de risco como beber e dirigir, sexo sem proteção, envolvimento em brigas, que podem vir a acarretar em acidentes automobilísticos, transmissão de DSTs, situações de violência. Também pode se destacar efeitos físicos e psíquicos do uso abusivo do álcool como náusea, vômitos, ressaca, alteração do humor, prejuízos na memória, desmaios, coma alcóolico, e prejuízos sociais, como problemas financeiros, queda no desempenho acadêmico, e ainda desentendimento com parentes e amigos.(ROSA, 2013)

Toledo(2014) enfatiza que, embora sejam conhecidos os efeitos negativos de um consumo excessivo de álcool, existe uma falta de consenso sobre como avaliar o consumo de risco entre os universitários, uma vez que, segundo a autora, não existe uma definição operacional sobre um padrão de beber problemático. Toledo explica que, mesmo medidas de quantidade e frequência de consumo, isoladas são insuficientes para determinar a condição do

problema de uso de álcool entre a população universitária, exemplificando que, enquanto algumas pessoas que apresentam um padrão de consumo frequente podem apresentar poucos indicadores de problemas derivados do álcool, o oposto também pode acontecer, ou seja, bebedores entendidos como ocasionais podem apresentar muitos problemas associados a bebida.

É interessante apontar também que a pesquisa realizada por Toledo(2014) indica que o hábito de um consumo abusivo de álcool entre estudantes universitários existe a partir de uma contradição entre o discurso das percepções conscientes e fatores motivacionais inconscientes. Reforçando o que foi visto ao longo deste tópico, Toledo(2014) explica que, conscientemente o uso da bebida estaria relacionado à festa, socialização, diversão, e seu consumo seria capaz de enfraquecer certas dimensões da percepção do sofrimento psíquico, que envolve sentimentos relacionados a timidez, inadequação social, tristeza e baixa autoestima, mas inconscientemente a prática desse consumo excessivo estaria relacionada, entre outros fatores, ao conflito entre aquilo que esses jovens desejam ser e o que podem ser, e nas suas fixações com a bebida eles encontram a oportunidade de preencher artificialmente uma euforia anterior que lhes está fazendo falta. (PEREIRA, 2013)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo elucidar os principais aspectos referentes ao consumo abusivo de álcool entre a população universitária, de modo a contribuir para a compreensão da natureza desse fenômeno. A pertinência de uma pesquisa que trate dessa temática se deve a miríade de problemas de saúde e problemas de ordem social relacionados a um consumo abusivo de álcool, que muitas vezes são banalizados em decorrência da natureza lícita dessa droga.

Para problematizar diferentes aspectos do consumo abusivo, e na realidade, nos ajudar a conceituar o que seria um consumo abusivo em si, essa pesquisa se beneficiou das contribuições da psicanálise a respeito da temática, trazendo um panorama geral dos trabalhos de alguns conceituados pesquisadores em psicanálise, o que nos possibilitou pensar em categorias para trabalhar com a ideia de um consumo abusivo.

Vimos aqui o papel dos intoxicantes, ainda em Freud, como agentes de dispersão do mal estar causados pelas demandas civilizatórias, compreendemos um pouco da dimensão da clínica da toxicomania, e através dela, esclarecer que um consumo abusivo está relacionado ao caráter particular de dependência que cada sujeito pode vir a ter com a droga, com o abuso aqui sendo compreendido como o prejuízo do sujeito com seu laço social em decorrência do uso da droga, prejuízo que vai estar relacionado a problemas de ordem interpessoal ou de ordem econômica, quando por exemplo, falamos da perda da produtividade de um trabalhador que lida com a dependência.

A compulsão à repetição foi apontada como um elemento intimamente relacionado com a clínica da toxicomania, com a dependência sendo entendida como uma das formas mais definidoras da existência desse fenômeno atuando na vida psíquica, trazendo através da repetição um prazer inerentemente associado às demandas das pulsões de morte, um prazer mortal que visa um retorno a um estado de inorganicidade. Graças a importância e complexidade desse conceito para a toxicomania, nos permitimos demorar nele e tentar trazer uma definição mais completa quanto fosse possível, abordando também aspectos relacionados ao princípio do prazer e de questões como a Bindung ou a brincadeira da Fort/Da.

E uma vez que a toxicomania seria marcada por uma perda do sujeito com seu laço social, pode parecer contraditório a importância do álcool em processos de socialização dentro da vivência universitária. É um aspecto um tanto quanto irônico na verdade, o quanto essa

substância desempenha um papel quase central enquanto um agente que possibilita a criação de vínculos entre acadêmicos, com o consumo dessa substância não se limitando apenas a um uso enquanto válvula de escape para sofrimento dos discentes.

Então sim, o consumo de bebidas alcóolicas também tem seus benefícios no que diz respeito a aproximar o sujeito do laço social, e apesar desta pesquisa buscar caracterizar e problematizar as eventuais consequências de um uso abusivo, não dá para tratar a droga a partir de uma lógica moralizante que vise uma eventual proibição ou ainda mais estigmatização para seus usuários. Nisso retomamos o conceito de Jésus Santiago, a respeito do *Phármakon*, o álcool entra dentro dessa definição, podendo se enquadrar tanto como um remédio ou quanto como um veneno dependendo da forma como for utilizado, e o álcool dentro do contexto universitário desempenha um papel quase ritualístico, sendo uma ferramenta através da qual os jovens universitários serão iniciados em diferentes grupos com os quais podem se identificar e se sentir acolhidos

E se o álcool dispõe de tanto prestígio enquanto uma ferramenta de socialização entre universitários, é importante tratar de como a socialização em si é um elemento importante dentro da vivência de uma graduação, como mostrado ao longo do desenvolvimento do trabalho, é um elemento quase essencial para determinar fatores como permanência, satisfação, e até auxiliando em processos relacionados à aprendizagem, e por sua vez, a uma maior produtividade por parte do estudante. Então algo que pode ser tirado desse trabalho, é como, apesar de todas as suas problemáticas e contradições, a instituição universitária tem o dever de ser um espaço de socialização, uma vez que esse elemento é tão essencial para a vida dos alunos que transitam por ela.

Assim, apesar de algumas limitações dessa pesquisa, como o fato de não ter sido encontrados artigos que trabalhassem mais diretamente, através de estudos de caso, a vivência de um toxicômano, alcoolista, dentro do ensino superior, se espera que esse trabalho tenha atendido o propósito de auxiliar a compreensão de como se dá a relação entre estudantes e a bebida. Se espera que tenha ficado claro quais os impactos da bebida, fatores relacionados ao seu consumo, e a importância de processos de socialização dentro da universidade, além de trazer problemáticas e desafios que circundam a vida desses estudantes em uma graduação, e ter feito um bom uso dos conceitos retirados da literatura psicanalítica.

Diante do que foi exposto, é importante ressaltar a necessidade da existência de mais pesquisas no cenário nacional que explorem essa dimensão do uso de álcool dentro do ambiente

universitário, que como foi visto ao longo do desenvolvimento deste trabalho, possui uma relação bem singular com a bebida.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Josiéle Cristina da Silva. **Psicanálise e Redução de Danos**: articulações e impasses no cotidiano da Atenção Psicossocial aos usuários de álcool e outras drogas. 2019. 113 f. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/14586>> Acesso em: 13 de maio, 2023.

ALMEIDA, W. M. DE . Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade. **Caderno CRH**, v. 20, n. 49, p. 35–46, jan. 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000100004>>. Acesso em: 15 de outubro, 2023

Centro de Informações sobre Saúde e Álcool (CISA), **Álcool e a Saúde dos Brasileiros: Panorama 2021** [Internet]. São Paulo: CISA, 2021. Disponível em: <https://cisa.org.br/index.php/biblioteca/downloads/artigo/item/304-panorama2021>. Acesso em: 06 de outubro, 2023.

CERVO, Amado Luiz e BERVIAN, Pedro Alcino e SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. São Paulo, SP: Pearson Prentice Hall, 2007 .

CUSTÓDIO, Débora Karla Sampaio Alves. **Álcool e sociabilidade**: a farra das adolescentes. 2009. 143 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia, Sociedade e Qualidade de Vida) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/17449>>. Acesso em: 8 de outubro, 2023.

FERREIRA, A. L. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 48, n. 34, p. 116–140, 2014. DOI: 10.21680/1981-1802.2014v48n34ID5732. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5732>> . Acesso em: 13 de Novembro, 2023.

FONSECA, Paula Fontana. Estágios em Psicologia e Educação: Itinerários Singulares de Formação. **Psicol. Ensino & Form.**, São Paulo , v. 8, n. 2, p. 45-52, dez. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612017000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 de Agosto, 2023..

FREUD, Sigmund (1920-1922). **Além do Princípio de Prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos**. Vol. XVIII. Trad.: Imago, Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão, o Mal Estar na Civilização e outros trabalhos**. Vol. XXI. Trad.: Imago, Rio de Janeiro, 2006.

FREUD, Sigmund. Obras completas volume 10: **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O caso Schreiber")**, artigos sobre técnica e outros textos. Trad.: Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

GARCIA, L. P.; FREITAS, L. R. S. DE. Consumo abusivo de álcool no Brasil: resultados da Pesquisa Nacional de Saúde 2013. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 24, n. 2, p. 227–237, abr. 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.5123/S1679-49742015000200005> >

GONDAR, J.. Sobre as compulsões e o dispositivo psicanalítico. **Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica**, v. 4, n. 2, p. 25–35, jul. 2001. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000200002> >. Acesso em: 13 de maio, 2023.

MALTA, D. C. et al.. Convergence in alcohol abuse in Brazilian capitals between genders, 2006 to 2019: what population surveys show. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 24, p. e210022, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1980-549720210022.supl.1> >. Acesso em: 9 de abril, 2023.

MARTINS, Renata Sales. **Considerações sobre a clínica das toxicomanias na neurose**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado em Pesquisa Clínica em Psicanálise) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: < <http://www.bdt.d.uerj.br/handle/1/14684> >. Acesso em: 12 de novembro, 2023.

MENDOZA, Aurora Zamora. **O uso de álcool na adolescência, uma expressão de masculinidade**. 2004. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004. doi: < 10.11606/T.22.2004.tde-28042005-094435 >. Acesso em: 12 de agosto, 2023.

MOREIRA, Franklandia Leite. **Evasão no ensino superior: a socialização acadêmica interrompida no mundo universitário da UFRN**. 2019. 151f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: < <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/28002> >. Acesso em: 12 de novembro, 2023.

Oliveira, A. V., & Barbosa, F. C. (2022). O ÁLCOOL COMO SINTOMA: UM ESTUDO SOBRE ALCOOLISMO E PSICANÁLISE. **COGNITIONIS Scientific Journal**, 5(2), 264-275. Disponível em: < <https://doi.org/10.38087/2595.8801.168> >. Acesso em: 11 de junho, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). **Álcool**. 2021. Disponível em: < <https://www.paho.org/pt/topicos/alcool> >. Acesso em: 06 de outubro, 2023.

PAIVANDI, S. A relação com o aprender na universidade e o meio ambiente de estudos. **Revista Educação em Questão**, [S. l.], v. 48, n. 34, p. 39–64, 2014. DOI: 10.21680/1981-1802.2014v48n34ID5729. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/5729> . Acesso em: 16 de novembro, 2023.

PEREIRA, Douglas Rodrigo. **Aspectos da compulsão à repetição na clínica psicanalítica: resistências e toxicomania**. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Instituto de

PSICOLOGIA, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/D.47.2013.tde-09012014-095422. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-09012014-095422/pt-br.php>> Acesso em: 05 de maio, 2023.

PETROIANU, A. et al.. Prevalência do consumo de álcool, tabaco e entorpecentes por estudantes de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 56, n. 5, p. 568–571, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-42302010000500019>> Acesso em: 1 de março, 2023.

PINSKY, I., & BESSA, M. A. (Orgs). **Adolescência e drogas** (2a ed.). Editora Contexto, São Paulo, 2006.

PIRES, I. T. M. et al.. Uso de Álcool e outras Substâncias Psicoativas por Estudantes Universitários de Psicologia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e191670, 2020. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1982-3703003191670>>. Acesso em: 25 de maio, 2023.

RAMIS, T. R. et al.. Tabagismo e consumo de álcool em estudantes universitários: prevalência e fatores associados. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 15, n. 2, p. 376–385, jun. 2012. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1415-790X2012000200015>>. Acesso em: 15 de março, 2023.

REIS DA SILVA MENDONÇA, Júlia. A droga como um recurso ao mal-estar na civilização. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 17, n. 2, p. 240-260, ago. 2011. Disponível em < http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682011000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 maio 2023.

ROCHA, Bárbara. **Avaliação do consumo do álcool entre universitários**. 2014. 91 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108427>>. Acesso em: 13 de junho, 2023.

ROCHA, I. A. **Suicídio no contexto acadêmico: uma análise sobre as estratégias de enfrentamento na Universidade Federal de Goiás**. 2023. 149 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2023. Disponível em: <<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/12869>>. Acesso em: 13 de agosto, 2023.

ROSA, Livia Ferreira de Araújo. **Representações sociais de bebida alcoólica para homens universitários: consumo, diversão e socialização masculina**. 2013. 81 f. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências humanas, Programa de pós-graduação em psicologia, Minas Gerais. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/BUOS-ARNGDL>> Acesso em: 29 de outubro, 2023.

SALVADOR, Isadora Nicastro. **Sedação subjetiva: o sofrimento psíquico de sujeitos inseridos na universidade**. 2020. 152 f. Dissertação. Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de pós-graduação em psicologia, Paraná. Disponível

em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000230955>>. Acesso em: 11 de maio, 2023.

SANTIAGO, Jesús. **A droga do toxicômano: uma parceria clínica na era da ciência**. 2ª edição revisada – Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

SANTOS, B. N. **O sofrimento psíquico do discente universitário: uma análise crítica**. 2021. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/11550>>. Acesso em: 12 de junho, 2023.

SANTOS, F. S. et al.. Estresse em Estudantes de Cursos Preparatórios e de Graduação em Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 2, p. 194–200, abr. 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1981-52712015v41n2RB20150047>>. Acesso em: 12 de junho, 2023.

SILVA, L. V. E. R. et al.. Fatores associados ao consumo de álcool e drogas entre estudantes universitários. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 2, p. 280–288, abr. 2006. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89102006000200014>>. Acesso em: 11 de março, 2023.

SILVA, Marcus Vinicius Neto. **A construção da pulsão de morte freudiana : um estudo histórico da formação do conceito a partir de suas fontes**. 2014. 98 f. Dissertação. Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de Psicologia, Programa de pós-graduação em Psicologia, Minas Gerais. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/1843/46759>>. Acesso em: 18 de novembro, 2023.

SILVA, Edilene Dayse Araújo da. **Quando desistir não é uma opção: socialização e estratégias de permanência de estudantes populares da UFRN**. 2017. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/24731>>. Acesso em: 18 de novembro, 2023

SOARES, S. V.; PICOLLI, I. R. A.; CASAGRANDE, J. L. Pesquisa Bibliográfica, Pesquisa Bibliométrica, Artigo de Revisão e Ensaio Teórico em Administração e Contabilidade. **Administração: Ensino e Pesquisa**, v. 19, n. 2, p. 308-339, 1 maio 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n2.970>>

SOUZA, Francisca Yana Bizerra Alves de. **Subjective well-being, self-efficacy and consumption of alcohol in university students**. 2015. 113 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia da saúde) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2015. Disponível em: < <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/1365>>. Acesso em: 12 de Novembro, 2023.

TEIXEIRA, M. A. P. et al.. Adaptação à universidade em jovens calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p. 185–202, jun. 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-85572008000100013>>. Acesso em: 15 de novembro, 2023.

TOLEDO, Rafaela Boiczuk de. **Binge drinking and excessive drinking among college students: a jungian approach**. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/15357>> Acesso em: 12 de novembro, 2023.

VIANA, Alexandra. **A droga a serviço da pulsão de morte**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: <http://www.isepol.com/asephallus/numero_12/artigo_05.html>. Acesso em: 12 de junho, 2023.

WENDT, A. et al.. Análise temporal da desigualdade em escolaridade no tabagismo e consumo abusivo de álcool nas capitais brasileiras. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 37, n. 4, p. e00050120, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/0102-311X00050120> >. Acesso em: 20 de maio, 2023

ZIMERMAN, David E. **Psicanálise em perguntas e respostas: verdades, mitos e tabus**. Porto Alegre: Artmed, 2005.